

Evocar os Mortos

Moisés, Emmanuel e André Luiz

X

Allan Kardec



"Kardec, a história por trás do nome"

Paulo Neto

Evocar os mortos

Moisés, Emmanuel e André Luiz

X

Allan Kardec

(Versão 5)

“À tarde, levaram a Jesus muitas pessoas que estavam possuídas pelo demônio. Jesus, com a sua palavra, expulsou os espíritos [...]” (Mateus 8,16)

Paulo Neto

Copyright 2020 by

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa:

Cena do filme “Kardec, a história por trás do nome”:

https://www.bemparana.com.br/upload/image/blogpost/blogpost_195175_img1_kardec00.jpg

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, mai/2020.

Índice

1. Introdução.....	4
2. A proibição mosaica.....	6
3. As opiniões de Emmanuel e André Luiz sobre a evocação.....	39
4. Segundo o que consta na Codificação, pode-se evocar os mortos ou não?.....	44
4.1. Allan Kardec e suas recomendações.....	46
4.2. O que Allan Kardec não recomenda?.....	55
4.3. Quais Espíritos podem ser evocados?.....	57
4.4. Outras importantíssimas orientações de Allan Kardec.....	62
4.5. Qual a utilidade das evocações particulares?.....	73
4.6. Um bom objetivo para a evocação: o estudo.....	76
4.7. Casos em que é até mesmo necessária a evocação.....	82
4.8. Allan Kardec comprova a prática da evocação...	85
5. Quanto tempo se deve esperar para evocar um Espírito após sua morte?.....	97
6. Conclusão.....	101
Referências bibliográficas.....	103
Dados biográficos do autor.....	105

1. Introdução

Por várias vezes já nos deparamos com companheiros do movimento espírita sugerindo que não devemos evocar os Espíritos nas reuniões mediúnicas de orientação e ajuda espiritual.

Em que pese a capacidade e o conhecimento de alguns deles, mas se nos permitem opinar, diremos que não concordamos com essa posição, tendo em vista que ela, a nosso ver, é contrária ao que Allan Kardec (1804-1869) norteia nas obras da Codificação.

Em razão disso, cada vez mais ficamos aumenta a nossa certeza de que, apesar de muitos afirmarem seguir fielmente a Allan Kardec, não o fazem por uma questão muito simples: não conhecem todo o pensamento do Codificador.

Acontece que muitas vezes ficam apegados ou se restringiram apenas a algumas obras, não tiveram a paciência para estudar todas as que foram publicadas pelo Mestre de Lyon.

Percebemos que essa proibição, sendo advogada por espíritas, é, na verdade, como querer implantar em nosso meio algo comparável à proibição bíblica, exatamente a base argumentativa que os detratores, especialmente os adeptos das correntes religiosas cristãs tradicionais, sempre usam para combater o Espiritismo. Na prática, esses se apoiam na proibição de evocar os mortos feita por Moisés, quando esse líder alertava aos hebreus para que não utilizassem das práticas adivinhatórias do povo cananeu.

Vamos analisar tudo isso, acrescentando também as opiniões de Emmanuel e André Luiz, sempre lembradas pelos confrades que não concordam com as evocações de Espíritos. Buscando nesses dois autores a sustentação para o que pensam sobre o tema.

2. A proibição mosaica

Considerando que a grande maioria dos espíritas são egressos das correntes cristãs tradicionais e, por atavismo inconsciente, trazem para o nosso meio algumas coisas lá aprendidas. É de suma importância demonstrar que a proibição mosaica de se comunicar com os mortos não é, como lhes foi ensinado, algo generalizado, uma vez que o líder judeu queria apenas evitar que a prática dos cananeus tornasse uso comum a seu povo.

Calculando que a recomendação proibitiva de Moisés tenha ocorrido por volta de 1.800 a.C., temos então, decorridos cerca de 3.800 anos; e, mesmo assim, vemos a insistência de líderes religiosos, especialmente, os fanáticos sectários, dizendo que ainda temos que cumprir essas antiquíssimas orientações.

Entendemos que, por lógica, elas deveriam se restringir ao contexto de sua época, jamais aplicáveis aos tempos modernos. Aliás, eles mesmos

sempre nos argumentam que nunca deveremos deixar de fora o lado contextual das narrativas bíblicas.

De uma certa forma, alguns confrades querem implantar em nosso meio algo tipo essa proibição mosaica.

O grande problema dos teólogos é que não fazem a mínima questão de orientar de forma correta seus fiéis, principalmente, se com isso ocorrer uma relativa perda de poder sobre “suas ovelhas”. E essas, por seguirem cegamente aqueles, não se dão conta de que, na verdade, estão sendo enganados, uma vez que, em sua grande maioria, só leem textos com o “aprovo” do guia que diz conduzi-lo ao redil de Cristo.

É ainda mais lamentável o fato de que alguns tradutores, flagrantemente, largaram mão da honestidade, colocando até mesmo termos inexistentes àquela época, conforme já o dissemos milhares de vezes, e que, na verdade, não refletem aquilo que por lá praticavam.

Veja-se, por exemplo, que nas Bíblias

publicadas pelas editoras Ave-Maria, Santuário, Paulus (Do Peregrino), Vozes e Sociedade Torre de Vigia aparecem, isolados ou conjuntamente, os termos “médium”, “espírita”, “espírita” e “Espiritismo”. Ora, todos os que estudaram a Doutrina Espírita, ainda que minimamente, sabem que são neologismos criados por Allan Kardec, em abril de 1857, ao publicar *O Livro dos Espíritos*; portanto, na época de Moisés, eles não existiam seja em hebraico, aramaico ou grego.

Encontramos uma tradução que deixará a descoberto a intenção de se esconder a verdade, tomando uma coisa pelo que, de fato, ela não é. Em razão disso faremos uma comparação de diversas traduções relativas aos passos do Levítico e do Deuteronômio, dos quais tomam a proibição mosaica, listando três versões de cada um dos seguimentos: Espírita, Católico e Protestante.

Iniciaremos com o livro Levítico, tomando como base essa nota da ***Bíblia de Jerusalém***, visando manter uma cronologia:

O Levítico, embora só tenha recebido sua

forma definitiva depois do Exílio, contém elementos bem antigos, como as proibições alimentares (11) as regras de pureza (13-15); o cerimonial tardio do grande dia da Expição (16), sobrepõe uma concepção muito elaborada do pecado a um antigo rito de purificação. [...]. (¹) (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

Quadro comparativo com os versículo de Levítico:

Texto	Fonte	Conteúdo
Levítico 19,31		
Espírita (O Céu e o Inferno)	Base: Sacy	Ne vous détournez point de votre Dieu, por aller chercher des magiciens , et ne consultez point les devins , de peur de vous souiller em vous adressant à eux. [...].
	FEB	Não vos desvieis do vosso Deus para procurar mágicos ; não consulteis os adivinhos , e receai que vos contamineis dirigindo-vos a eles. [...].
	IDE	Não vos desvieis do vosso Deus, para ir procurar os mágicos , e não consulteis os adivinhos , de medo de vos manchar, em vos dirigindo a eles. [...].

	LAKE	Não vos desvieis do vosso Deus para procurar os mágicos e não consulteis os adivinhos para não vos contaminardes ao vos dirigir a eles. [...].
Católica e protestante	Base: Vulgata	ne declinetis ad magos nec ab ariolis aliquid sciscitemini ut polluamini [...].
Católica	Barsa	Não vos dirijais aos mágicos , nem consulteis os adivinhos , para que não suceda que este comércio vos corrompa. [...].
	Jerusalém (2)	Não vos voltareis para os necromantes nem consultareis os adivinhos , pois eles vos contaminariam. [...].
	Paulinas	Não vos dirijais aos magos , nem interrogueis os adivinhos , para que vos não contamineis por meio deles. [...].
Protestante	Shedd	Não vos voltareis para os necromantes , nem para os adivinhos ; não os procureis para serdes contaminados por eles. [...].
	Mundo Cristão	Não vos voltareis para os necromantes , nem para os adivinhos ; não os procureis para serdes contaminados por eles: [...].
	Novo Mundo	Não vos vireis para médiuns espíritas e não consulteis prognosticadores profissionais de eventos , de modo a vos tornardes impuro por eles. [...].

Levítico 20,27		
Espírita (<i>O Céu e o Inferno</i>)	Base: Sacy	Si un homme ou une femme a un esprit de Python, ou un esprit de divination , qu'ils soient punis de mort: [...].
	FEB	Se um homem ou uma mulher tem o Espírito de Píton ou um Espírito de adivinhação , que sejam punidos com a morte: eles serão lapidados [...].
	IDE	“O homem ou a mulher que tiver Espírito pitônico, ou de adivinho , morra de morte. Serão apedrejados, [...].
	LAKE	“Se um homem ou uma mulher tem um Espírito de Piton, ou um espírito de adivinhação , que sejam punidos de morte; serão lapidados, [...].
Católicos e protestante	Base: Vulgata	vir sive mulier in quibus pythonicus vel divinationis fuerit spiritus morte moriantur lapidibus [...]
Católica	Barsa	“Se qualquer homem, ou mulher tem espírito de Piton, ou espírito de adivinho , sejam punidos de morte, ambos sejam apedrejados, [...].
	Jerusalém	O homem ou a mulher que, entre vós, forem necromantes ou adivinhos serão mortos, serão apedrejados, [...].
	Paulinas	O homem ou mulher em que houver espírito pitônico ou de

		adivinho , sejam punidos de morte. Apedreja-los-ão; [...].
Protestante	Shedd	O homem ou mulher que sejam necromantes ou sejam feiticeiros serão mortos; serão apedrejados; [...].
	Mundo Cristão	O homem ou mulher que sejam necromantes, ou sejam feiticeiros , serão mortos: serão apedrejados; [...].
	Novo Mundo	E quanto ao homem ou à mulher em que se mostre haver um espírito mediúnico ou um espírito de predição , sem falta devem ser mortos. [...].

Percebe-se, claramente, que a intenção aqui nestes dois passos (Levítico 19,31; 20,27) é proibir-se a prática da adivinhação; nada além disso, ao contrário do que os teólogos fanatizados querem passar ou fazer entender.

Tomando do **Dicionário Prático**, inserido na Bíblia Sagrada – Vozes, esclarecemos que:

Espírito de Piton. Assim se chamava a **faculdade dos adivinhos**. Piton era o nome que, na mitologia, se dava ao dragão que o deus Apolo teria matado. [...]. ⁽³⁾

Vejam os que Russell Norman Champlin (1933-2018) e João Marques Bentes, autores da ***Enciclopédia da Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 5***, dizem de pitonisa:

PITONISA: O texto grego de Atos 16:16 refere-se a uma jovem que era possesora de um “espírito adivinhador”, onde **a palavra usada no original é *puthóna*, “adivinha”**. Todavia, alguns manuscritos têm, nessa passagem, a forma grega *puthónos*. A alusão é à serpente mitológica, *Pitom*. ***Pitonisa*, pois, era o nome que a princípio era dado às sacerdotisas de Apolo, em Delfos, e, posteriormente, as adivinhas em geral**; era esse um nome derivado de uma referência a serpente mediante a qual esse deus era simbolizado. *Pitom* (como substantivo próprio), dentro da mitologia grega, era o nome da serpente que guardava Delfos.

De conformidade com as lendas homéricas (iii.300 ss), Apolo desceu do Olimpo a fim de selecionar um local para o seu santuário, o lugar onde deveria ser adorado, e onde se deveria localizar o seu oráculo. Ele escolheu o lado sul do monte Parnaso, mas encontrou-o guardado por uma gigantesca e temível serpente. Entretanto, matou a serpente com uma flecha e deixou que a serpente *apodrecesse* (no grego, *puthein*). Daí é que se originou o nome da serpente, *Pitom* (apodrecimento). *Pitom* tomou-se o nome do local onde tudo isso teria acontecido, e o adjetivo

“pitano”, aplicado a Apolo, refere-se a ele. **O nome *pitom*, ato contínuo, veio a indicar as adivinhações, ou, por extensão, o “demônio profetizador”, isto é, alguma espécie de espírito maligno ou deus que pode falar por meio de algum ser humano, a fim de predizer o futuro ou dar outras informações consideradas importantes.** Apolo era o deus da profecia, pelo que era natural que o seu nome e a serpente a ele vinculada viessem a ser associados as tentativas das pessoas predizerem o futuro. E o que, segundo a tradição grega, fazia parte da atuação dessa divindade pagã, tornou-se, dentro da interpretação cristã, o trabalho de espíritos familiares ou adivinhadores, ou seja, uma atuação inspirada por forças demoníacas. [...]. (4) (grifo itálico do original)

Deles ainda temos a informação de que “[...] O vocábulo '**necromante**' é utilizado em Deut. 18:11, e **significa, literalmente, ‘aquele que interroga os mortos’**. [...]” (5); portanto, o termo necromante, que aparece nestes passos, se relaciona aos indivíduos que praticavam a necromancia, para a qual apresentamos estas duas explicações:

1ª) “A prática da evocação dos falecidos para deles receber conhecimentos, chamada também '**necromancia**' (do grego **nekrós=falecido e**

manteia=adivinhação), é antiga. [...]” (6)

2ª) **“Meio de adivinhação interrogando um morto.** Babilônios, egípcios, gregos a praticavam. [...]” (7)

Trata-se, portanto, de um meio de adivinhação, cuja revelação do futuro era feita pelos Espíritos dos mortos, o que, sem dúvida, também corresponde à ideia de *“ter espírito de Piton”*, conforme vimos um pouco atrás.

Mas o que não falta é aparecer um tradutor usando o que resolvemos denominar de “terrorismo religioso” ao relacionar a necromancia a algo que nada tem a ver com os fatos. Um bom exemplo, é esta explicação constante da ***Bíblia Shedd***:

19.31 Necromantes. **Pessoas que se comunicam com os mortos, ou seja, médium,** 20.6. **Aqui há uma forte condenação das práticas espíritas existentes no dia de hoje.** A Bíblia condena taxativamente a invocação dos mortos. (8)

Pura invencionice desse tradutor, certamente, visando amedrontar os fiéis, que lhe seguem, a não

se darem à evocação dos mortos, pois, sem dúvida alguma, morrem de medo do que eles, os mortos, podem falar ou, quem sabe, denunciar algo que fazem contra a “verdade” que pregam.

Esse costume entre os hebreus de evocar os mortos para fins de adivinhação, pode ser facilmente, corroborado com o que disse o historiador Flávio Josefo (37-103 d.C.). Em ***História dos Hebreus***, esse autor relata que Saul, primeiro rei de Israel, querendo saber o que lhe aconteceria na guerra contra os filisteus, recorre a uma necromante:

[...] quando viu que eles eram incomparavelmente mais fortes, sentiu sua coragem diminuir e rogou aos profetas que consultassem a Deus para saber qual seria o resultado dessa guerra. **Deus não lhe respondeu**, e esse silêncio duplicou-lhe o temor; julgou-se abandonado por Ele: seu ânimo abateu-se e ele resolveu nessa dificuldade, recorrer à magia; mas **tinha expulsado do país todos os magos e adivinhos e toda espécie de gente que costuma prever o futuro**; assim, não sabendo onde buscá-los, mandou que se indagasse onde se poderia encontrar algum daqueles que **fazem voltar as almas dos mortos para interrogá-las e saber coisas futuras**. Um dos seus, disse-lhe que

havia uma mulher na cidade de En-Dor a qual podia lhe satisfazer os desejos. [...].⁽⁹⁾

Estamos diante de uma narrativa histórica que, irrefutavelmente, confirma a existência da crença naquela época na comunicação com os mortos e, mais ainda, nos evidencia com que objetivo os consultavam.

Atenção especial para o fato de que as pessoas que Saul havia expulsado – magos e adivinhos e toda espécie de gente que costuma predizer o futuro – usavam de práticas relacionadas a “*saber coisas futuras*”.

Mas alguns tradutores bíblicos fazem de tudo para tirar a ideia do que é realmente a necromancia como, por exemplo, os da ***Bíblia Sagrada - Vozes***:

Necromancia. Ou evocação dos mortos, é uma prática que supõe a possibilidade de entrar em contato com os mortos e de esses poderem comunicar mensagens do além, e até de aconselhar os vivos em problemas difíceis. A prática era conhecida na Mesopotâmia, no Egito e em Canaã. Apesar da proibição (cf. Lv 19,31 e nota), Saul recorreu à necromancia (Cf. 1Sm 28,7-10) e foi por isso punido (1Cr 10,13). [...].⁽¹⁰⁾

Observe, caro leitor, que nada é dito sobre a questão da adivinhação, que era, de fato, o que se queria fazer com este tipo de prática de evocar os mortos.

É interessante ver que era costume: a) na **Mesopotâmia**, região da qual emigrou Abraão, b) no **Egito**, onde permaneceram na escravidão por 430 anos e, finalmente, c) em **Canaã**, região à qual se dirigiram após saíram do Egito.

Não passou despercebido a nós o fato de se relacionar a punição de Saul, como resultado da evocação dos mortos. Porém, isso é bem singular, pois prova que a Bíblia não é mesmo a palavra de Deus, porquanto a morte de Saul teve como motivo a sua derrota na guerra contra os filisteus.

Ademais, se considerar isso como punição, então é prudente sabermos os reais motivos e não os que nos parecem bons.

Quem tiver o cuidado de ler toda essa história desde o início, saberá que Deus havia prometido tirar a realeza de Saul (1 Samuel 15,11.28), pelo motivo dele não ter executado, fielmente, a ordem de matar

todos os amalecitas (1 Samuel 15,2-3). Portanto, aos sensatos o texto de Crônicas citado (1 Crônicas 10,13), foi além dos fatos: é pura mentira.

Da obra ***O Céu e o Inferno***, primeira parte, cap. XI - É proibido evocar os mortos?, transcrevemos a citação do trecho bíblico usado para se condenar as evocações:

“Quando houverdes entrado na terra que o Senhor vosso Deus vos dará, tomai cuidado em não imitar as abominações de tais povos. Que não haja ninguém entre vós que pretenda ***purificar filho ou filha passando-os pelo fogo; que consulte os adivinhos ou observem sonhos e augúrios; que use de malefícios, sortilégios e encantamentos; ou que consulte os que têm o Espírito de Píton e se propõem adivinhar, interrogando os mortos para saber a verdade.*** O Senhor abominará todas essas coisas e exterminará todos esses povos, à vossa entrada, por causa dos crimes que têm cometido”. (DEUTERONÔMIO, 18:9 a 12.). ⁽¹¹⁾

Acreditamos que o teor desse passo foi transcrito da Bíblia traduzida por Louis-Isaac Le Maître de Sacy (1613-1684) a mesma tradução que Allan Kardec se utilizou para estudar todos os textos

bíblicos constantes da obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

O livro Levítico, já mencionado, trata especificamente de estabelecer normas para os sacerdotes, bem como para toda a ritualística religiosa do povo hebreu, e cujo destinatário era, sem dúvida, a sua liderança religiosa.

Pode-se, já de início, ver que, em ambos trechos bíblicos – Levítico 19,31 e 20,27 –, o seu teor demonstra que o autor só se preocupava com as adivinhações, porquanto julgava que somente a Deus é quem caberia revelar o futuro; obviamente, através de um sacerdote...

O Deuteronômio é mais abrangente; visa também a população em geral; porém, mantém-se na preocupação dominante contra a maioria das formas divinatórias. O trecho que nos interessa mais de perto é esse: *“que consulte os que têm o Espírito de Píton e se propõem adivinhar, interrogando os mortos para saber a verdade”*.

Na obra ***Le Ciel et l'enfer***, uma publicação da Union Spirite Française et Francophone, temos esse

texto bíblico em francês:

“Lorsque vous serez entrés dans le pays que le Seigneur votre Dieu vous donnera, prenez bien garde de ne pas vouloir imiter les abominations de ces peuples; – et qu'il ne se trouve personne parmi vous, qui prétende **purifier son fils ou sa fille, en les faisant passer par le feu, ou qui consulte les devins, ou qui observe les songes et les augures, ou qui use de maléfices, de sortilèges et d'enchantements, ou qui consulte ceux qui ont l'esprit de Python, et qui se mêlent de deviner, ou qui interrogent les morts pour apprendre la vérité.** - Car le Seigneur a en abomination toutes ces choses, et il exterminera tous ces peuples à votre entrée, à cause de ces sortes de crimes qu'ils ont commis”. (*Deutéronome*, chapitre XVIII, v. 9, 10, 11 et 12.)⁽¹²⁾

Como o versículo 9: “Quando houverdes entrado na terra que o Senhor vosso Deus vos há de dar, guardai-vos; tomai cuidado em não imitar as abominações de tais povos” e o versículo 12: “O Senhor abomina todas essas coisas e exterminará todos esses povos, à vossa entrada, por causa dos crimes que têm cometido.”, têm quase que o mesmo conteúdo, e por não terem eles o ponto que queremos analisar, julgamos não ser necessário

reproduzi-los no quadro comparativo:

Texto	Fonte	Conteúdo
Deuteronômio 18,9-12		
Espírita (<i>O Céu e o Inferno</i>)	Base: Sacy	et qu'il ne se trouve personne parmi vous qui prétende purifier son fils ou sa fille en les faisant passer par le feu, ou qui consulte les devins, ou qui observe les songes et les augures, ou qui use de maléfices, de sortilèges et d'enchantements, ou qui consulte ceux qui ont l'esprit de Python et qui se mêlent de deviner , ou qui interrogent les morts pour apprendre d'eux la vérité.
	FEB	- e entre vós ninguém haja que pretenda <i>purificar filho ou filha passando-os pelo fogo</i> ; que use de maléfícios, sortilégios e encantamentos; que consulte os que têm o Espírito de Píton e se propõem adivinhar , interrogando os mortos para saber a verdade.
	IDE	- e que não se encontre ninguém entre vós, que pretenda <i>purificar seu filho ou sua filha, fazendo-os passar pelo fogo</i> , ou que consulte os adivinhos, ou que observe os sonhos e os augúrios, ou que use de maléfícios, de sortilégios e de encantamentos, ou que consulte

		aqueles que têm o Espírito de Piton, e que se metem de adivinho , ou que interrogue os mortos para aprender a verdade.
	LAKE	- E que não se encontre entre vós quem pretenda purificar seu filho ou sua filha fazendo-os passar pelo fogo ou quem consulte os adivinhos ou observe os sonhos e os augúrios, ou pratique malefícios, sortilégios e encantamentos, ou quem consulte os que têm o Espírito de Piton, e quem se ponha a adivinhar ou a interrogar os mortos para saber a verdade.
Católica e Protestante	Base: Vulgata	nec inveniatur in te qui lustret filium suum aut filiam ducens per ignem aut qui ariolos sciscitetur et observet somnia atque auguria ne sit maleficus ne incantator ne pythones consulat ne divinos et quærat a mortuis veritatem
Católica	Barsa	nem se ache entre vós quem pretenda purificar seu filho, ou filha, fazendo-os passar pelo fogo: nem quem consulte adivinhos, ou observe sonhos e agouros, nem quem seja feiticeiro, ou encantador, nem quem consulte Piton ou adivinhos , nem quem indague dos mortos a verdade.
	Jerusalém	Que em teu meio não se encontre alguém que queime seu filho ou sua filha, nem que faça presságio,

		oráculo, adivinhação ou magia, ou que pratique encantamentos, que interrogue espíritos ou adivinhos , ou ainda que invoque os mortos.
	Paulinas	Não se ache entre vós quem purifique seu filho ou sua filha, fazendo-os passar pelo fogo, nem quem consulte adivinhos ou observe sonhos e agouros, nem quem use malefícios, nem quem seja encantador, nem quem consulte os pitões ou adivinhos , ou indague dos mortos a verdade.
Protestante	Shedd	Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico , nem quem consulte os mortos.
	Mundo Cristão	Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico , nem quem consulte os mortos.
	Novo Mundo	Não se deve achar em ti alguém que faça seu filho ou sua filha passar pelo fogo, alguém que empregue adivinhação, algum

		praticante de magia ou quem procure presságios, ou um feiticeiro, ou alguém que prenda outros com encantamento, ou alguém que vá consultar um médium espírita, ou um prognosticador profissional de eventos , ou alguém que consulte os mortos.
--	--	--

Resumindo o que encontramos nas Bíblias em relação aos três passos (Levítico 19,31; 20,27; Deuteronômio 18,9-12):

Católicos: usam “necromante” e “interroque espíritos”, sem constarem no texto da Vulgata;

Protestantes: além de “necromantes”, “feiticeiros” e mágicos, usam também “médiums Espíritas”, “um espírito mediúnico”, “um espírito de perdição” e “prognosticadores profissionais de eventos”, tirados não se sabe de onde.

O que fica bem claro é a total falta de escrúpulos dos tradutores em alterar o sentido original dos textos bíblicos, visando ajustá-los a seus dogmas, o que, para nós, significa dizer que se, de fato, considerassem mesmo a Bíblia como sendo a

palavra de Deus, jamais fariam isso; se o fazem é por não a considerar como tal.

E não adianta espernear, pois tudo quanto se está proibindo tem relação direta com **adivinhações ou prognósticos**, o que se pode corroborar com a sequência de Deuteronômio 18, especialmente, o versículo 14, que nunca colocam, para não lhes trair a “verdade”, que querem impor. Vejamos a seguinte tabela:

Texto	Fonte	Conteúdo
Deuteronômio 18,14		
Católicas e Protestantes (provavelmente)	Base: Vulgata	gentes istæ quarum possidebis terram augures et divinos audiunt tu autem a Domino Deo tuo aliter institutus es.
Católica	Barsa	Estas nações, cujo país tu possuirás, ouvem os agoureiros e os adivinhos : tu porém foste instruído doutra sorte pelo Senhor teu Deus.
	Jerusalém	Eis que as nações que vais conquistar ouvem oráculos e adivinhos . Quanto a ti, isso não te é permitido por lahweh teu Deus.

	Paulinas	Estes povos, cujo país tu possuirás, ouvem os agoureiros e os adivinhos ; tu porém foste instruído doutro modo pelo Senhor, teu Deus.
Protestante	Shedd	Porque estas nações que hás de possuir ouvem os prognosticadores e os adivinhadores ; porém a ti o Senhor, teu Deus, não permitiu tal coisa.
	Mundo Cristão	Porque estas nações, que hás de possuir, ouvem os prognosticadores e os adivinhadores ; porém a ti o Senhor teu Deus não permitiu tal cousa.
	Novo Mundo	Porque estas nações que estás desapossando costumavam escutar os que praticam a magia e os que adivinham ; mas, quanto a ti, Jeová, teu Deus, não te deu nada disso.

O interessante dos termos, aqui usados, é que não correspondem aos que eles mesmos colocaram nos versículos anteriores (Deuteronômio 8,9-12). A ideia central é, conforme já ficou claro, as práticas adivinhatórias.

Mesmo que se queira tomar essa determinação

mosaica como uma proibição indiscriminada a todo e qualquer tipo de comunicação com os mortos, podemos dizer que essa proibição foi revogada em relação às comunicações de cunho sério, isto é, sem mistificações e sem fins de adivinhação.

Como!? Simples, meu “caro Watson”. Veja que quando os Espíritos Moisés e Elias aparecem a Jesus, na presença de Pedro, Tiago e João, e falam com ele (Mateus 17,1-9; Lucas 9,28-36), o Mestre de todos nós está, exatamente, a nos dizer que tal proibição não faz mais sentido? Isso se levarmos em conta que Moisés, mesmo depois de morto, jamais desobedeceria a uma lei estabelecida por Deus. Portanto, ao vir em Espírito, o legislador hebreu deixa claro que a determinação de não evocar os mortos partiu dele próprio.

É oportuno vermos esta narrativa constante do 1 Samuel:

1 Samuel 9,1-27: *“Entre os benjaminitas, havia um homem chamado Cis, filho de Abiel, [...] Esse homem tinha um filho chamado Saul, jovem de boa aparência. [...] **As jumentas de Cis, pai de Saul, tinham se extraviado.** Cis*

disse ao filho Saul: 'Chame um dos empregados e vá procurar as jumentas'. Eles cruzaram a região montanhosa de Efraim, atravessaram o território de Salisa, mas não as encontraram. Atravessaram a região de Salim, e nada. Atravessaram a região de Benjamim, e nem aí encontraram as jumentas. Quando chegaram ao território de Suf, Saul disse ao empregado que o acompanhava: 'Vamos voltar, senão o meu pai vai ficar mais preocupado conosco do que com as jumentas'. O empregado, porém, sugeriu: 'Olhe. Na cidade vizinha há **um homem de Deus** que é muito famoso. Tudo o que ele diz, acontece de fato. Vamos até lá. **Quem sabe ele nos possa orientar sobre o caminho que devemos seguir**'. Saul disse ao empregado: 'Podemos ir. Mas o que vamos oferecer a esse homem? Já não temos pão na sacola. **Não temos nada para oferecer a esse homem de Deus**. Será que sobrou alguma coisa?' O empregado respondeu: '**Tenho aqui uma pequena moeda de prata**. Vou oferecê-la ao homem de Deus, e ele nos dará uma orientação'. (**Em Israel, antigamente, quando alguém ia consultar a Deus, costumava dizer: 'Vamos ao vidente'. Porque, em lugar de 'profeta', como se diz hoje, dizia-se 'vidente'**). Saul replicou: 'Ótimo, vamos lá'. E foram à cidade onde morava o homem de Deus. [...] Saul chegou perto de **Samuel**, no

meio da porta, e lhe perguntou: 'O senhor pode me dizer onde é a casa do vidente?' **Samuel respondeu: 'Eu sou o vidente. Suba na minha frente até o lugar alto. Hoje você comerá comigo, e amanhã de manhã você irá embora. Vou resolver a questão que o preocupa. Não se preocupe com as jumentas que você perdeu há três dias. Elas já foram encontradas. Aliás, de quem é toda a riqueza de Israel? Não é, por acaso, sua e da família do seu pai?'**"

Observe, caro leitor, que o vidente Samuel, considerado um homem de Deus, foi procurado por Saul para que lhe informasse onde estariam as jumentas de seu pai, que lhe pagou por isso. Aqui se vê que mediunidade além de ser paga era, além disso, usada para motivo fútil, o que Allan Kardec condenava.

Na **Revista Espírita 1864**, mês de setembro, artigo "O novo bispo de Barcelona", destacamos estas duas seguintes notas do Codificador relacionadas a um artigo do Mons. Pantaléon, bispo de Barcelona, publicado no jornal *El Diaro de Barcelona*, de 31 de julho:

Se fosse repreensível ter relações com os Espíritos, seria preciso que a Igreja impedisse estes de virem sem ser chamados; porque é notório que há uma multidão de manifestações espontâneas entre as próprias pessoas que nunca ouviram falar do Espiritismo. Como as senhoritas Fox, nos Estados Unidos, as primeiras que revelaram a sua presença naquele país, foram postas no caminho das evocações, se isso não foi pelos Espíritos que vieram se manifestar a elas, então que nisso pensavam o mínimo do mundo? **Por que esses Espíritos deixaram seu lugar, que lhes estava assinalado além do túmulo? Foi com ou sem a permissão de Deus?**

O Espiritismo não saiu do cérebro de um homem como um sistema filosófico criado pela imaginação; *se os próprios Espíritos não tivessem se manifestado, não teria havido Espiritismo.* **Se não se pode impedi-los de se manifestarem, não se pode deter o Espiritismo,** não mais do que não se pode impedir um rio de correr, a menos que se lhe suprima a fonte. **Pretender que os Espíritos não se manifestem é uma questão de fato e não de opinião, contra a evidência não há negação possível.** ⁽¹³⁾ (itálico do original)

Uma vez que Deus permite hoje que essas relações existam, – porque é preciso bem admitir que nada chega sem a permissão de Deus, – é que ele julga útil à felicidade dos homens, a fim de lhes dar a prova da vida futura, na qual há tantos que não creem mais, e porque o número sem cessar crescente dos incrédulos prova que só a Igreja é impotente para

retê-los nos redil. **Deus lhe envia auxiliares nos Espíritos** que se manifestam; repeli-los não é fazer prova de submissão à sua vontade; negá-los, é desconhecer o seu poder; **injuriá-los é maltratar seus intérpretes, é agir como os Judeus com respeito aos profetas**, o que fez Jesus derramar lágrimas sobre a sorte de Jerusalém. ⁽¹⁴⁾

A linha de raciocínio de Allan Kardec contra a proibição da Igreja Católica em se evocar os mortos, de que os Espíritos somente se manifestam porque Deus o permite, derruba qualquer argumento que essa instituição religiosa possa apresentar a favor dela, popularmente, diríamos: jogou sobre ela a última pá de cal.

Em ***O Céu e o Inferno***, Allan Kardec tece considerações a respeito da proibição de se evocar os mortos, que é oportuno colocarmos os seguintes trechos:

A proibição de Moisés tinha a razão de ser, porque a evocação dos mortos não se originava nos sentimentos de respeito, afeição ou piedade para com eles, sendo antes um recurso para adivinhações, tal como nos augúrios e presságios explorados pelo charlatanismo e pela superstição. Essas

práticas, ao que parece, também eram objeto de negócio, e Moisés, por mais que fizesse, não conseguiu desentranhá-las dos costumes populares. [...]. ⁽¹⁵⁾

[...] Se os que invocam a lei de Moisés contra os espíritas se tivessem dado ao trabalho de aprofundar o sentido das palavras bíblicas, teriam reconhecido que não existe qualquer analogia entre o que se passava entre os hebreus naquela época e os princípios do Espiritismo. Mais ainda: **na verdade o Espiritismo condena tudo que motivou a interdição de Moisés.** [...]. ⁽¹⁶⁾

É verdade que Moisés engloba, na sua proibição, a interrogação dos mortos, porém de modo secundário, como acessório às práticas da feitiçaria. [...]. ⁽¹⁷⁾

Quando a evocação é feita religiosamente e com recolhimento; **quando os Espíritos são chamados**, não por curiosidade, mas por um sentimento de afeição e simpatia, com desejo sincero de instrução e progresso, não vemos nada que denote falta de respeito em apelar-se as *peçoas mortas, como se fazia quando estavam vivos*. Há, porém, outra resposta categórica a essa objeção: é que os Espíritos se apresentam espontaneamente, sem constrangimento, muitas vezes mesmo sem que sejam chamados. Eles também dão testemunho da satisfação que experimentam por comunicar-se com os homens, e se queixam às vezes do esquecimento a que são relegados. Se os Espíritos se perturbassem ou se

agastassem com os nossos chamados, certamente o diriam ou não atenderiam ao nosso chamado. Já que são livres, quando se manifestam, é porque isso lhes convém. ⁽¹⁸⁾

[...] **O verdadeiro motivo bem poderia ser o receio de que os Espíritos muito esclarecidos viessem instruir os homens sobre pontos que se pretende deixar na sombra**, dando-lhes conhecimento, ao mesmo tempo, da certeza de um outro mundo, bem como *das verdadeiras condições para nele serem felizes ou infelizes*. [...]. ⁽¹⁹⁾ (grifo itálico do original)

Ora, isso deixa bem claro que não devemos trazer para a Doutrina Espírita, coisas que não têm nada a ver com as nossas práticas.

Sabemos que por aí fora quase todo mundo confunde Espiritismo como sendo todas as práticas nas quais há manifestação de Espíritos; por isso sempre temos dito que: “o fato de tartaruga botar ovos não faz dela uma ave”.

Ainda em **O Céu e o Inferno**, encontramos algumas explicações que servem de contra-argumentos aos detratores do Espiritismo:

5. Há duas partes distintas na lei de Moisés: a Lei de Deus propriamente dita, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, apropriada aos costumes e ao caráter do povo. A primeira é invariável, ao passo que a segunda se modifica com o tempo, não passando pela cabeça de ninguém que possamos ser governados pelos mesmos meios por que o foram os judeus no deserto; do mesmo modo os decretos de Carlos Magno não podem aplicar-se à França do nosso século. Quem pensaria hoje, por exemplo, em reviver este artigo da lei mosaica: “Se um boi chifrar um homem ou mulher, que venham a morrer em consequência, o boi será apedrejado e ninguém deverá comer de sua carne; mas o dono do boi será julgado inocente.” (Êxodo, 21:28 e seguintes.)

Este artigo, que nos parece tão absurdo, não tinha, no entanto, outro objetivo senão o de punir o boi e inocentar o dono, equivalendo simplesmente à confiscação do animal, causa do acidente, para obrigar o proprietário a maior vigilância. A perda do boi era a punição para o seu proprietário, que devia ser bem sensível para um povo de pastores, a ponto de dispensar outra qualquer. Entretanto, ninguém devia aproveitar-se dessa perda, razão porque Moisés proibiu que se comece a carne do animal. Outros artigos; porém, prescrevem o caso em que o dono do boi é responsável.

Tudo tinha sua razão de ser na legislação de Moisés, porque tudo nela estava previsto em seus mínimos detalhes, mas a forma, bem como o fundo, adaptavam-se às circunstâncias ocasionais.

Se Moisés voltasse em nossos dias para legislar sobre uma nação civilizada da Europa, decerto não lhe daria um código igual ao dos hebreus.

6. A esta objeção, respondem que todas as leis de Moisés foram ditadas em nome de Deus, assim como a do Sinai, mas, julgando-as todas de fonte divina, por que os mandamentos se limitam ao Decálogo? Qual a razão de ser da diferença? Se todas emanam de Deus não devem ser igualmente obrigatórias? E por que não conservaram a circuncisão, à qual Jesus se submeteu e não aboliu? Esquecem que todos os legisladores antigos, para darem autoridade às suas leis, atribuíam a todas uma origem divina. Moisés, mais que nenhum outro, necessitava desse recurso, tendo em vista o caráter do seu povo. Se, apesar de tudo isso, ele teve dificuldade em se fazer obedecer, que não sucederia se as leis fossem promulgadas em seu próprio nome!

Não veio Jesus modificar a lei mosaica, fazendo da sua lei o código dos cristãos? Não disse Ele: “Sabeis o que foi dito aos antigos, tal e tal coisa, e Eu vos digo tal outra coisa?” Entretanto, Jesus não proscreeu, antes sancionou a lei do Sinai, da qual toda a sua doutrina moral é um desdobramento. Ora, **Jesus nunca se referiu, em parte alguma dos Evangelhos, à proibição de evocar os mortos, quando este era um assunto bastante grave para ser omitido nas suas prédicas,** principalmente se levarmos em conta que Ele tratou de outros assuntos secundários.

7. Finalmente convém saber se a Igreja coloca a lei mosaica acima da evangélica; em

outras palavras, se é mais judia que cristã. Convém também notar que, de todas as religiões, a judia é justamente a que faz menos oposição ao Espiritismo, visto não invocar a lei de Moisés contra as relações com os mortos, como fazem as seitas cristãs.

8. Outra contradição: **Se Moisés proibiu evocar o Espírito dos mortos, é que estes podiam vir, pois do contrário seria inútil a proibição.** Ora, se os mortos podiam vir naqueles tempos, também o podem hoje; e se são Espíritos de mortos os que vêm, é que não são exclusivamente demônios. Aliás, Moisés não fala de modo algum nesses últimos.

É, pois, evidente que não se pode aceitar logicamente a lei de Moisés nessa circunstância, pelo duplo motivo de que ela não rege o Cristianismo, nem é apropriada aos costumes da nossa época. Mesmo supondo que ela tenha toda a autoridade que alguns lhe atribuem, **não poderá, como vimos, aplicar-se ao Espiritismo.**

É verdade que a proibição de Moisés engloba, na sua proibição, a interrogação dos mortos, porém de modo secundário, como acessório às práticas da feitiçaria. O próprio vocábulo *interrogar*, junto aos de adivinho e agoureiro, prova que entre os hebreus as evocações eram um meio de adivinhar. Entretanto, os espíritas não evocam mortos para obter revelações ilícitas, mas para receber sábios conselhos e proporcionar alívio aos que sofrem. Certamente, se os hebreus não se tivessem servido das comunicações de além-túmulo com essa finalidade, Moisés, longe de as proibir, tê-la-ia

estimulado, porque teriam tornado mais dócil e mais obediente o seu povo. (20)

Certamente, os contraditores do Espiritismo não pensaram em tudo isso que Allan Kardec disse. É tão claro e objetivo que dispensa algum comentário de nossa parte.

3. As opiniões de Emmanuel e André Luiz sobre a evocação

Vejam, em *O Consolador*, obra psicografada por Chico Xavier (1910-2002), a recomendação de Emmanuel que é sempre apresentada por confrades como justificativa de que não se deve evocar os Espíritos.

As duas questões que mencionaremos contam no tópico “Prosélitos”, que a nosso ver não se aplicam especificamente aos novatos, pois, se não estamos de todo enganado, pela estilo de sua redação e como foram colocadas, servem para todos os espíritas de uma maneira geral. Inclusive, vários artigos que as citam os seus autores o fazem dentro dessa ótica.

Dito isso, vejamos na obra ***O Consolador*** as questões:

368. *Nos agrupamentos espíritistas devemos provocar, de algum modo, essa ou aquela manifestação do Além?*

– **Nas reuniões doutrinárias, acima de todas as expressões fenomênicas, devem prevalecer a sinceridade e a aplicação individuais**, no estudo das leis morais que regem o intercâmbio entre o planeta e as esferas do invisível.

De modo algum se deverá provocar as manifestações mediúnicas, cuja legitimidade reside nas suas características de espontaneidade, mesmo **porque o programa espiritual das sessões está com os mentores que as orientam do plano invisível**, exigindo-se de cada estudioso a mais elevada porcentagem de esforço próprio na aquisição do conhecimento, porquanto o plano espiritual distribuirá sempre, de acordo com as necessidades e os méritos de cada um. **Forçar o fenômeno mediúnico é tisonar uma fonte de água pura** com a vasa das paixões egoísticas da Terra, ou com as suas injustificáveis inquietações.
(²¹)

Uma vez afirmado que *“o programa espiritual das sessões está com os mentores que as orientam do plano invisível”* não é algo que se aplica só a prosélitos, em razão disso entendemos que essa orientação de Emmanuel tem, sim, um caráter geral.

Ressaltamos que Emmanuel é curto e grosso quando afirma *“de modo algum se deverá provocar as manifestações mediúnicas”*, e sendo a evocação

uma aplicação disso, não há como não se concluir que ele é contrário às evocações.

369. *É aconselhável a evocação direta de determinados Espíritos?*

– **Não somos dos que aconselham a evocação direta e pessoal, em caso algum.**

Se essa evocação é passível de êxito, sua exequibilidade somente pode ser examinada no plano espiritual. Daí a necessidade de sermos espontâneos, porquanto, no complexo dos fenômenos espíritos, a solução de muitas incógnitas espera o avanço moral dos aprendizes sinceros da Doutrina. O estudioso bem-intencionado, portanto, deve pedir sem exigir, orar sem reclamar, observar sem pressa, considerando que a esfera espiritual lhe conhece os méritos e retribuirá os seus esforços de acordo com a necessidade de sua posição evolutiva e segundo o merecimento do seu coração.

Podereis objetar que Allan Kardec se interessou pela evocação direta, procedendo a realizações dessa natureza, mas precisamos ponderar, no seu esforço, a tarefa excepcional do codificador, aliada a necessidade e méritos ainda distantes da esfera de atividade dos aprendizes comuns. ⁽²²⁾

Emmanuel é, novamente, bem taxativo ao dizer que *“em caso algum”* deve-se evocar os

Espíritos.

Prevendo reações contrárias, antecipadamente Emmanuel procura se explicar quanto a essa sua recomendação contradiz a de Allan Kardec, fato que ele admite. Isso é muito estranho, não é comum Espíritos de relativa evolução terem a mínima preocupação de justificar-se, quando tece algum comentário que seja divergente com o que consta na Codificação.

Aliás, alhures o próprio Emmanuel deixou bem claro que, em qualquer situação conflitiva, que sempre devemos ficar com Allan Kardec.

Esse tipo de pensamento, encontramos também em André Luiz. Em **Conduta Espírita**, psicografia do médium Waldo Vieira (1932-2015), capítulo 25 - Perante os mentores espirituais, lemos a seguinte orientação dele:

Abolir a prática da invocação nominal dessa ou daquela entidade, em razão dos inconvenientes e da desnecessidade de tal procedimento em nossos dias, buscando identificar os benfeitores e amigos espirituais pelos objetivos que demonstrem e pelos bens que espalhem. (23)

É um pensamento bem semelhante ao de Emmanuel. Então, esses dois Espíritos são da opinião de que o tempo das evocações já passou, eram “permitidas” na época de Allan Kardec, hoje não seriam mais.

4. Segundo o que consta na Codificação, pode-se evocar os mortos ou não?

Essa é uma dúvida comum, mas que é preciso ser resolvida, razão pela qual buscaremos a resposta nas obras publicadas por Allan Kardec.

No item VI da Introdução de **O Livro dos Espíritos** encontramos:

– os Espíritos se manifestam espontaneamente ou mediante evocação. **Podemos evocar todos os Espíritos:** os que animaram homens obscuros, como os das personagens mais ilustres, seja qual for a época em que tenham vivido; os de nossos parentes, de nossos amigos ou inimigos, **e deles obter**, por meio de comunicações escritas ou verbais, **conselhos, informações sobre a sua situação no além-túmulo, seus pensamentos a nosso respeito, assim como as revelações que lhes sejam permitidas fazer-nos;** ⁽²⁴⁾

Vê-se, portanto, que, conforme Allan Kardec, não há nenhum problema em se evocar os Espíritos; a única ressalva que faz, ele a colocou logo a seguir:

– os Espíritos são atraídos em razão de sua simpatia pela natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores se comprazem nas reuniões sérias, onde predominam o amor do bem e o desejo sincero de instruir-se e melhorar-se. A presença deles afasta os Espíritos inferiores que, ao contrário, encontram livre acesso e podem agir com toda liberdade entre pessoas frívolas ou guiadas apenas pela curiosidade, e por toda parte onde encontrem maus instintos. Longe de se obterem bons conselhos, ou ensinamentos úteis, deles só se devem esperar futilidades, mentiras, gracejos de mau gosto ou mistificações, pois muitas vezes tomam nomes venerados, a fim de melhor induzirem ao erro; ⁽²⁵⁾

Logo, tudo se prende ao objetivo com o qual se quer evocar os Espíritos; se tivermos sérios propósitos, não há problema algum; caso contrário, que se corra o risco com as evocações frívolas.

935. Que se deve pensar da opinião dos que consideram profanação as comunicações com o além-túmulo?

“Não pode haver profanação quando há recolhimento e quando a evocação é praticada com respeito e convenientemente. O que o é que os Espíritos que vos consagram afeição atendem com prazer ao vosso chamado. Sentem-se felizes por vos lembrardes deles e por se

comunicarem convosco. Haveria profanação se as evocações fossem feitas com leviandade.”

A possibilidade de nos pormos em comunicação com os Espíritos é uma dulcíssima consolação, pois nos proporciona meio de conversarmos com os nossos parentes e amigos que deixaram a Terra antes de nós. Pela evocação eles se aproximam de nós, colocam-se ao nosso lado, nos ouvem e respondem. Não existe mais, por assim dizer, separação entre eles e nós. **Auxiliam-nos com seus conselhos e nos dão provas do afeto que nos guardam e da alegria que experimentam por nos lembrarmos deles.** Para nós é uma satisfação sabê-los felizes e tomar conhecimento, *por intermédio deles mesmos*, dos detalhes da sua nova existência, adquirindo a certeza de que um dia, quando chegar a nossa vez, a eles nos juntaremos. ⁽²⁶⁾
(itálico do original)

Eis um dos motivos pelos quais muitas pessoas condenam as evocações dos Espíritos; entretanto, fazendo-se com seriedade não se configurará nenhum desrespeito aos que partiram para o mundo espiritual.

4.1. Allan Kardec e suas recomendações

De ***O Livro dos Médiuns***, Parte Segunda, no cap. XVII - Da formação dos médiuns, tópico

“Desenvolvimento da mediunidade”, transcrevemos o item 203:

203. **O desejo natural de todo aspirante a médium é o de poder conversar com os Espíritos das pessoas que lhe são caras**; deve, porém, moderar sua impaciência, porque a comunicação com determinado Espírito apresenta muitas vezes dificuldades materiais que a tornam impossível ao principiante. **Para que um Espírito possa comunicar-se, preciso é que haja relações fluídicas entre ele e o médium, que nem sempre se estabelecem instantaneamente.** Só à medida que a faculdade se desenvolve é que o médium adquire pouco a pouco a aptidão necessária para pôr-se em comunicação com o Espírito que se apresenta. **Pode acontecer, portanto, que aquele com quem o médium deseje comunicar-se não esteja em condições propícias a fazê-lo, embora se ache presente, como também pode suceder que não tenha possibilidade, nem permissão** para atender ao pedido que lhe é feito. **Convém, por isso, no começo, que o médium não se obstine em chamar determinado Espírito, com exclusão de qualquer outro**, pois muitas vezes acontece não ser com esse que as relações fluídicas se estabelecem mais facilmente, por maior que seja a simpatia que lhe vote o encarnado. Antes, pois, de pensar em obter comunicações de tal ou tal Espírito, é preciso que **o aspirante se empenhe em desenvolver a sua faculdade**, fazendo, para isso, um apelo geral e se dirigindo principalmente

ao seu anjo da guarda.

Não há, para esse fim, nenhuma fórmula sacramental. Quem quer que pretenda indicar alguma pode ser tachado, sem receio, de impostor, visto que a forma não tem nenhum valor para os Espíritos. Contudo, **a evocação deve sempre ser feita em nome de Deus.** [...].

Quando o médium deseja chamar determinados Espíritos, é essencial que comece a dirigir-se somente aos que ele sabe serem bons e simpáticos e que podem ter motivo para atender ao apelo, como parentes ou amigos. [...] Não é menos necessário que as primeiras perguntas sejam concebidas de tal maneira que as respostas possam ser dadas por um *sim* ou por um *não*. Por exemplo: *Estás aí? Queres responder-me? Podes fazer-me escrever?* etc. Mais tarde essa precaução se torna inútil. No princípio, trata-se apenas de estabelecer uma relação. **O essencial é que a pergunta não seja fútil, não trate de questões de interesse particular e, sobretudo, que seja a expressão de um sentimento de benevolência e simpatia pelo Espírito a quem é dirigida.** ⁽²⁷⁾

Aos que querem desenvolver a mediunidade, designados de “*aspirantes a médium*”, a orientação de Allan Kardec é a de que não ser conveniente evocar determinado Espírito.

Em ***O Livro dos Médiuns***, Parte Segunda, no

Cap. XXV - Das evocações, itens 269 a 272, encontramos diversas recomendações, dignas de quem, certamente, levava a sério essa questão das evocações. Destacaremos as seguintes:

269. Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou atender ao nosso apelo, isto é, comparecer por meio de evocação. Pensam algumas pessoas que não devemos evocar nenhum Espírito, sendo preferível que se espere por aquele que queira comunicar-se. Segundo alegam, quando chamamos determinado Espírito não podemos ter certeza de que seja ele mesmo quem se apresenta, ao passo que aquele que vem espontaneamente, por iniciativa própria, comprova melhor a sua identidade, porquanto, assim agindo, manifesta o desejo que tem de conversar conosco.

Em nossa opinião, isso é um erro. Primeiramente, porque estamos rodeados de Espíritos, quase sempre de condição inferior, que não desejam outra coisa senão comunicar-se. Em segundo lugar, e ainda por essa mesma razão, **não chamar nenhum deles em particular é abrir as portas a todos os que queiram entrar.** Numa assembleia, não dar a palavra a pessoa alguma é deixá-la livre a qualquer um, e sabe-se o que daí pode resultar. A chamada direta de determinado Espírito constitui um laço entre ele e nós; chamando-o pelo nosso desejo, impomos assim uma espécie de barreira aos intrusos. Sem um

apelo direto, muitas vezes um Espírito não terá motivo algum para vir confabular conosco, a menos que seja o nosso Espírito familiar.

Cada uma dessas duas maneiras de agir tem suas vantagens e só haveria desvantagem se uma delas fosse excluída de modo absoluto. As comunicações espontâneas não apresentam qualquer inconveniente, desde que se tenha domínio sobre os Espíritos e não se permita que os maus tomem a dianteira. Então, **é quase sempre vantajoso aguardar a boa vontade dos que se disponham a comunicar-se,** pois o pensamento deles não sofre nenhum constrangimento e dessa maneira se podem obter coisas admiráveis. Entretanto, pode acontecer que o Espírito por quem se chama não esteja disposto a falar, ou não seja capaz de fazê-lo no sentido desejado. O exame escrupuloso, que temos aconselhado é, aliás, uma garantia contra as comunicações más. Nas reuniões regulares, principalmente naquelas em que se faz um trabalho continuado, há sempre Espíritos habituais, que ali comparecem sem que sejam chamados, por estarem prevenidos em virtude da própria regularidade das sessões. Tomam, então, frequentemente a palavra, de modo espontâneo, para tratar de um assunto qualquer, desenvolver uma proposição ou prescrever o que se deva fazer, caso em que são facilmente reconhecíveis, quer pela forma da linguagem, que é sempre idêntica, quer pela escrita, quer por certos hábitos que lhes são peculiares. ⁽²⁸⁾

O Codificador inicia deixando claro que os

Espíritos podem manifestar-se espontaneamente, ou comparecer por meio da evocação, indistintamente.

Ele menciona os que são contrários à evocação direta, pois dizem que não se pode ter certeza de que quem manifesta seja, de fato, o Espírito evocado, julgando isso um erro, pois, segundo pensa, *“não chamar nenhum deles em particular é abrir as portas a todos os que queiram entrar”*, e daí conclui que *“a chamada direta de determinado Espírito constitui um laço entre ele e nós”*.

Acrescenta, entretanto, que *“Cada uma dessas duas maneiras de agir tem suas vantagens e só haveria desvantagem se uma delas fosse excluída de modo absoluto”*.

Em relação às comunicações espontâneas, Allan Kardec pondera que não há inconveniente *“desde que se tenha domínio sobre os Espíritos é quase sempre mais vantajoso aguardar os que se disponham a comunicar-se”*. Perguntamos: quem pode ter certeza de possuir domínio sobre os Espíritos?

270. **Quando desejamos entrar em comunicação com determinado Espírito, é de absoluta necessidade que o evoquemos** (item 203). Se ele pode vir, a resposta é geralmente *sim*, ou: Estou aqui, ou ainda: *Que quereis de mim?* Às vezes, entra diretamente no assunto, respondendo com antecedência às perguntas que lhe queiramos fazer.

Quando um Espírito é evocado pela primeira vez, convém designá-lo com alguma precisão. Nas perguntas que lhe façamos, cumpre evitar as fórmulas secas e imperativas, que representariam para ele um motivo de afastamento. **As fórmulas utilizadas devem ser afetuosas ou respeitosas**, conforme o Espírito e, **em todos os casos, o evocador deve dar prova da sua benevolência.**
(²⁹)

Se queremos entrar em contato com um Espírito em particular, devemos evocá-lo, sem nenhum problema. Nas reuniões designadas de desobsessão, acreditamos que, muitas vezes, será até mesmo necessário a evocação direta dos Espíritos envolvidos na trama, objetivando libertá-los da fixação mental e daí, como consequência, proporcionar paz à “vítima”. E aqui vale a orientação de Allan Kardec: “o evocador deve dar prova de sua benevolência”.

271. Muitas vezes é surpreendente a rapidez com que um Espírito evocado se apresenta, mesmo da primeira vez. É como se já estivesse prevenido de que seria evocado e, de fato, é isso mesmo que acontece, quando aquele que o evoca já tinha previamente a intenção de fazê-lo. Essa intenção, ou preocupação, é uma espécie de evocação antecipada e, como **temos sempre conosco os nossos Espíritos familiares**, que se identificam com o nosso pensamento, eles preparam o caminho de tal sorte que, se não surge nenhum obstáculo, o Espírito que desejamos chamar já se acha presente ao ser evocado. Em caso contrário, é o Espírito familiar do médium, do interrogante ou, ainda, um dos que costumam frequentar as reuniões que vai buscá-lo e, para isso, não precisa de muito tempo. Se o Espírito evocado não pode vir imediatamente, o mensageiro – os pagãos diriam *Mercúrio* – marca um prazo, às vezes de cinco minutos, um quarto de hora, uma hora e até muitos dias. Logo que ele chega, diz: *Aqui estou*. Podem então começar a ser feitas as perguntas que se quer dirigir ao Espírito evocado.

Nem sempre o mensageiro é um intermediário indispensável, pois o Espírito pode ouvir diretamente o chamado do evocador, conforme explicado no item 282, pergunta 5, sobre o modo de transmissão do pensamento.

Quando dizemos que se faça a evocação em nome de Deus, queremos que a nossa recomendação seja tomada a sério, e não levianamente. Os que nisso vejam o emprego de

uma fórmula sem consequência farão melhor abstendo-se. ⁽³⁰⁾

Manter a seriedade da reunião e que se faça a “*evocação em nome de Deus*” são recomendações importantes, não devem ser desprezadas por nós, os espíritas compromissados com a tarefa mediúnica.

272. Frequentemente, as evocações oferecem mais dificuldades aos médiuns do que os ditados espontâneos, sobretudo quando se trata de obter respostas precisas a questões pormenorizadas. Para isto, são necessários médiuns especiais, ao mesmo tempo flexíveis e positivos, médiuns bastante raros, como já vimos (item 193), porque **as relações fluídicas nem sempre se estabelecem instantaneamente com o primeiro Espírito que se apresente.** Convém, por isso, que os médiuns não se entreguem às evocações minuciosas, senão depois de estarem certos do desenvolvimento de suas faculdades e da natureza dos Espíritos que os assistem, considerando-se que, com os médiuns mal assistidos, as evocações não têm nenhum caráter de autenticidade. ⁽³¹⁾

No caso específico das reuniões mediúnicas voltadas para a desobsessão, como é comum ter a presença de vários médiuns, o Espírito evocado

sintonizará com aquele que se sentir uma afinidade fluídica mais elevada. Ou mais “forte”, quem sabe?

4.2. O que Allan Kardec não recomenda?

Ainda em **O Livro dos Médiuns**, Parte Segunda, cap. XXV - Das evocações, merece destacar o seguinte:

273. **Os médiuns são geralmente mais procurados para as evocações de interesse privado** do que para as evocações de interesse geral. Isso se explica pelo desejo muito natural de se conversar com os entes queridos. Cremos dever fazer, sobre este assunto, diversas recomendações importantes aos médiuns. Primeiro a **de não acederem a esse desejo senão com reserva**, no tocante a pessoas de cuja sinceridade não estejam suficientemente seguros, e de se manterem vigilantes contra as armadilhas que pessoas malfazejas lhes podem preparar. Segundo, **de não se prestarem, sob nenhum pretexto, a essas evocações, se perceberem intuitos de curiosidade e de interesse e não uma intenção séria de parte do evocador**; de se recusarem a servir para qualquer questão ociosa ou que não esteja no âmbito das que racionalmente se podem propor aos Espíritos. As perguntas devem ser feitas com clareza, nitidez e sem segundas intenções para se obterem respostas positivas. É necessário repelir as que tiverem um caráter

insidioso, pois os Espíritos não gostam das que têm por fim submetê-los à prova. Insistir em perguntas dessa natureza é o mesmo que querer ser enganado. O evocador deve dirigir-se franca e abertamente ao alvo, sem subterfúgios e rodeios inúteis. Se ele teme explicar-se é melhor que se abstenha.

É também conveniente só com muita prudência fazer evocações na ausência das pessoas que as pedem, e no mais das vezes é mesmo preferível não fazê-las. Porque somente essas pessoas estão aptas a controlar as respostas, a julgar a identidade do Espírito, a provocar os esclarecimentos que as respostas suscitarem e a fazer as perguntas ocasionais a que as circunstâncias podem levar. **Além disso, sua presença é um motivo de atração para o Espírito, geralmente pouco disposto a se comunicar com estranhos pelos quais não tem nenhuma simpatia.** Em suma: o médium deve evitar tudo o que possa transformá-lo em instrumento de consultas, o que, para muita gente equivale a ledor da sorte. ⁽³²⁾

As orientações aos médiuns são bem objetivas, devem fugir das evocações feitas por mera curiosidade e, o mais importante, para não se transformar em agente de consultas, equiparando-se aos ledores de sorte.

Caso haja algum interesse em evocar

determinado Espírito, que se faça presente a pessoa interessada, para que ela, prontamente, possa analisar a comunicação.

4.3. Quais Espíritos podem ser evocados?

O codificador, em ***O Livro dos Médiuns***, Parte Segunda, cap. XXV - Das evocações, orienta-nos o seguinte:

274. Podemos evocar todos os Espíritos, qualquer que seja o grau em que se encontrem na escala espiritual: os bons, como os maus, os que deixaram a vida há pouco tempo, como os que viveram nas épocas mais remotas, os que foram homens ilustres, como os mais obscuros, os nossos parentes e amigos, como os que nos são indiferentes. Isto, porém, não quer dizer que eles sempre queiram ou possam responder ao nosso chamado. **Independente da própria vontade, ou da permissão de uma potência superior, que lhes pode ser recusada, é possível que eles se achem impedidos de comparecer por motivos que nem sempre nos é dado conhecer.** Queremos dizer que não há impedimento absoluto que se oponha às comunicações, salvo o de que trataremos a seguir. Os obstáculos capazes de impedir que um Espírito se manifeste são quase sempre individuais e geralmente dependem das circunstâncias.

275. Entre as causas que podem impedir a manifestação de um Espírito, umas lhe são pessoais e outras, estranhas. Entre as primeiras, devemos colocar as ocupações ou as missões que ele esteja desempenhando e das quais não pode afastar-se, para ceder aos nossos desejos. Neste caso, sua visita fica apenas adiada.

Há também a sua própria situação. Embora o estado de encarnação não seja obstáculo absoluto, pode representar um impedimento em certas ocasiões, principalmente quando se passa em mundos inferiores e quando o próprio Espírito está pouco desmaterializado. Nos mundos superiores, naqueles em que os laços entre o Espírito e a matéria são muito fracos, a manifestação é quase tão fácil quanto no estado errante, mais fácil, em todo caso, do que nos mundos onde a matéria corpórea é mais compacta.

As causas estranhas residem principalmente na natureza do médium, no caráter da pessoa que evoca, no meio em que se faz a evocação e, finalmente, no objetivo que se tem em vista. Alguns médiuns recebem mais particularmente comunicações de seus Espíritos familiares, que podem ser mais ou menos elevados; outros se mostram aptos a servir de intermediários a todos os Espíritos, dependendo isto da simpatia ou da antipatia, da atração ou da repulsão que o Espírito pessoal do médium exerce sobre o Espírito evocado, o qual pode tomá-lo por intérprete, com prazer ou com repugnância. Isto também depende, abstração feita das qualidades íntimas do médium, do desenvolvimento da faculdade mediúnica. Os

Espíritos se apresentam com maior boa vontade e, sobretudo, são mais explícitos com um médium que não lhes oferece nenhum obstáculo material. Aliás, em igualdade de condições morais, quanto mais facilidade tenha o médium para escrever ou para se exprimir, tanto mais se generalizam suas relações com o mundo espiritual.

276. **Precisamos ainda levar em conta a facilidade que deve resultar do hábito de comunicação com tal ou qual Espírito.** Com o tempo, o Espírito estranho se identifica com o do médium e também com aquele que o chama. Posta de lado a questão de simpatia, estabelecem-se entre eles relações fluídicas que tornam mais rápidas as comunicações. É por isso que a primeira entrevista nem sempre é tão satisfatória quanto seria de desejar e é também por isso que os próprios Espíritos pedem frequentemente que os chamem de novo. O Espírito que vem habitualmente está como em sua casa: fica familiarizado com seus ouvintes e intérpretes, fala e age com mais liberdade.

277. Em resumo, do que acabamos de dizer pode-se concluir: **que a faculdade de evocar todo e qualquer Espírito não implica para este a obrigação de estar à nossa disposição**; que ele pode vir em certa ocasião e não comparecer em outra, com um médium ou um evocador que lhe agrade, e não com outro; que pode dizer o que quiser, sem ser constrangido a dizer o que não queira; que pode ir embora quando bem entender; enfim, que por causas dependentes ou não da sua vontade, pode de repente deixar de vir, mesmo

depois de se haver mostrado assíduo durante algum tempo.

É em razão de todos esses motivos que, **quando se deseja chamar um Espírito que ainda não se apresentou, é necessário perguntar ao seu guia protetor se a evocação é possível. Caso não o seja, ele geralmente dá os motivos, sendo então inútil insistir.**

278. **Uma questão importante se apresenta aqui, a de saber se há ou não inconveniente em evocar Espíritos maus.** Isto depende do fim que se tenha em vista e da ascendência que se possa exercer sobre eles. Não há inconveniente quando são chamados com um fim sério, instrutivo e tendo em vista melhorá-los. Ao contrário, **o inconveniente é muito grande quando se faz a evocação por simples curiosidade ou por divertimento, ou, ainda, quando quem os chama se põe na dependência deles, pedindo-lhes um serviço qualquer.** Os Espíritos bons, neste caso, podem muito bem lhes dar o poder de fazerem o que lhes é pedido, sob o risco de ser punido severamente, mais tarde, o imprudente que ousou invocar o auxílio deles, supondo-os mais poderosos do que Deus. É inútil a quem assim proceda fazer bom uso do auxílio pedido e despedir o servidor, uma vez prestado o serviço, visto que tal serviço, por mínimo que seja, constitui um verdadeiro pacto firmado com o Espírito mau, e este não larga facilmente a sua presa. [...].

279. Ninguém exerce ascendência sobre os Espíritos inferiores, a não ser pela *superioridade moral*. Os Espíritos perversos sentem que os

homens de bem os dominam. Contra quem só lhes oponha a energia da vontade, espécie de força bruta, eles lutam e muitas vezes são os mais fortes. Certa vez, alguém tentava domar um Espírito rebelde, unicamente pela ação da sua vontade, recebendo a seguinte resposta: *Deixa-me em paz, com esses ares de fanfarrão, pois não vales mais do que eu. O que se diria de um ladrão que pregasse moral a outro ladrão?*

Há quem se espante de que o nome de Deus, invocado contra os Espíritos maus, não produza nenhum efeito. São Luís explicou a razão desse fato na resposta seguinte:

“O nome de Deus só tem influência sobre os Espíritos imperfeitos quando proferido por alguém que possa servir-se dele com autoridade, em razão das virtudes que possua. Pronunciado por quem não tenha superioridade, é uma palavra como qualquer outra. O mesmo se dá com as coisas santas com que se procure dominá-los. A arma mais terrível se torna inofensiva em mãos inábeis ou incapazes de manejá-la”. ⁽³³⁾ (itálico do original)

Em princípio, pode-se evocar qualquer Espírito, desde que se tomem os devidos cuidados, especialmente os aqui relacionados por Allan Kardec.

E é bom ter sempre em mente que os Espíritos não estão às nossas ordens e nem aos nossos caprichos, não têm obrigação nenhuma de atender

ao nosso chamado, razão pela qual é até possível que se apresente um Espírito brincalhão em lugar daquele com o qual queremos estabelecer contato. O “*Vigiai e orai*” é a prática recomendada.

4.4. Outras importantíssimas orientações de Allan Kardec

Ainda, em **O Livro dos Médiuns**, Parte Segunda, cap. XXV – Das evocações, temos:

282. Perguntas sobre as evocações

1. *Pode alguém, sem ser médium, evocar os Espíritos?*

“Todos podem evocar os Espíritos e, se aqueles que chamardes não puderem manifestar-se materialmente, nem por isso deixarão de estar junto de vós e de vos escutar.”

[...].

11. *Haverá inconveniente em se evocarem Espíritos inferiores e será de temer que, chamando-os, o evocador fique sob o domínio deles?*

“Eles só dominam os que se deixam dominar. Aquele que é assistido por Espíritos bons nada tem que temer; impõe-se aos Espíritos inferiores, e não estes a ele. Quando estão **sozinhos, os médiuns, sobretudo os que se**

iniciam na tarefa, devem abster-se de tais evocações.” [...].

12. *Serão necessárias algumas disposições especiais para as evocações?*

“A mais essencial de todas as disposições é o recolhimento, quando se pretende lidar com Espíritos sérios. Com fé e com o desejo do bem, tem-se mais força para evocar os Espíritos superiores. Elevando sua alma por alguns instantes de recolhimento, no momento da evocação, o evocador se identifica com os Espíritos bons e os predispõem a virem.”

13. *A fé é necessária para as evocações?*

“A fé em Deus, sim. Quanto ao mais, a fé virá, se desejardes o bem e tiverdes o propósito de instruir-vos.”

14. *Reunidos em comunhão de pensamentos e de intenções, os homens dispõem de mais poder para evocar os Espíritos?*

“Quando estão reunidos pela caridade e para o bem, os homens obtêm grandes coisas. Nada é mais prejudicial ao resultado das evocações do que a divergência de ideias.”

15. *Terá alguma utilidade a precaução de se formar corrente, dando-se todos as mãos, alguns minutos antes de começar a reunião?*

“A corrente é um meio material que não estabelece a união entre vós, se ela não existir nos pensamentos. Mais vantajoso do que isso é a união de todos num pensamento comum, apelando cada um para os Espíritos bons. Não imaginai o

que se pode obter numa reunião séria, de onde se haja banido todo sentimento de orgulho e de personalismo, e onde reine perfeito sentimento de mútua cordialidade.”

16. *São preferíveis as evocações em dias e horas determinados?*

“Sim, e se for possível, no mesmo lugar, pois os Espíritos aí comparecem com mais satisfação. O desejo constante que tendes é que auxilia os Espíritos a se porem em comunicação convosco. Eles têm ocupações, que não podem deixar de repente para a vossa satisfação pessoal. Quando digo no mesmo lugar, não julgueis que isso deva constituir uma obrigação absoluta, já que os Espíritos vão a toda parte. Quero dizer que é preferível um lugar consagrado às reuniões, porque o recolhimento se faz mais perfeito.”

17. *Certos objetos, como medalhas e talismãs, têm a propriedade de atrair ou repelir os Espíritos, conforme pretendem algumas pessoas?*

“Esta pergunta é inútil, pois sabeis perfeitamente que a matéria não exerce nenhuma ação sobre os Espíritos. Ficai bem certo de que um Espírito bom jamais aconselhará semelhantes absurdos. **A virtude dos talismãs, seja qual for a natureza deles, nunca existiu, a não ser na imaginação das pessoas demasiado crédulas.**”

18. *Que se deve pensar dos Espíritos que marcam encontros em lugares lúgubres e em horas inconvenientes?*

“Esses Espíritos se divertem à custa dos que lhes dão ouvidos. É sempre inútil e quase sempre

perigoso ceder a tais sugestões. Inútil, porque nada absolutamente se ganha em ser mistificado; perigoso, não pelo mal que os Espíritos possam fazer, mas pela influência que isso pode ter sobre cérebros fracos.”

19. *Haverá dias e horas mais propícios para as evocações?*

“Para os Espíritos, isso é completamente indiferente, como tudo o que é material, e seria superstição acreditar-se na influência dos dias e das horas. **Os momentos mais propícios são aqueles em que o evocador possa estar menos distraído pelas suas ocupações habituais; aqueles em que se ache mais calmo de corpo e de espírito.**”

20. *A evocação é agradável ou penosa para os Espíritos? Eles vêm de boa vontade, quando chamados?*

“Isso depende do caráter deles e do motivo com que são chamados. **Quando o objetivo é louvável e quando o meio lhes é simpático, a evocação constitui para eles coisa agradável e mesmo atraente. Os Espíritos se sentem sempre felizes com os testemunhos de afeição de que são alvo.** Alguns consideram grande felicidade o fato de se comunicarem com os homens e sofrem com o abandono em que são deixados. Mas, como já disse, isto também depende do caráter deles. **Entre os Espíritos, também há misantropos, que não gostam de ser incomodados e cujas respostas denotam o mau humor em que vivem, principalmente quando chamados por**

pessoas que lhes são indiferentes, pelas quais não se interessam. Muitas vezes, um Espírito não tem nenhum motivo para atender ao chamado de um desconhecido, que lhe é indiferente e que quase sempre é movido pela curiosidade. Se vem, suas aparições, em geral, são curtas, a menos que a evocação vise a um fim sério e instrutivo.”

OBSERVAÇÃO – Há pessoas que só evocam seus parentes para lhes perguntar as coisas mais vulgares da vida material, por exemplo: um quer saber se alugará ou venderá sua casa; outro, para saber que lucro tirará da sua mercadoria, o lugar onde há dinheiro escondido, se tal negócio será ou não vantajoso. Nossos parentes de além-túmulo apenas se interessam por nós em virtude da afeição que lhes consagramos. Se os nossos pensamentos, com relação a eles, se limitam a supô-los feiticeiros, se só pensamos neles para lhes pedir informações, é claro que não podem ter grande simpatia por nós e ninguém deve surpreender-se com a pouca benevolência que lhes demonstrem.

21. *Existe alguma diferença entre os Espíritos bons e os maus no que se refere à solícitude com que atendem ao nosso chamado?*

“Há, e muito grande: **os Espíritos maus só vêm de boa vontade quando esperam dominar e enganar;** porém, experimentam viva contrariedade quando são forçados a vir para confessarem suas faltas, e outra coisa não procuram senão ir-se embora, como um colegial a quem se chama para repreendê-lo. Podem ser constrangidos a isso por Espíritos superiores,

como castigo e para instrução dos encarnados. **A evocação é penosa para os Espíritos bons, quando são chamados inutilmente, para futilidades.** Então, ou não vêm ou se retiram logo. Em princípio, podeis dizer que **os Espíritos, quaisquer que eles sejam, não gostam de servir de distração a curiosos,** exatamente como acontece entre vós. Muitas vezes não tendes outro objetivo, quando evocais um Espírito, senão ver o que ele vos dirá ou interrogá-lo sobre particularidades de sua vida, que ele não deseja vos contar, porque não tem nenhum motivo para vos fazer confidências. Julgais que ele vá se comprometer somente para vos dar prazer? De modo algum; o que ele não faria em vida tampouco fará como Espírito.”

OBSERVAÇÃO – Realmente, **a experiência comprova que a evocação é sempre agradável aos Espíritos, quando feita com fim sério e útil.** Os bons têm prazer em nos instruir; os que sofrem encontram alívio na simpatia que demonstramos a eles; os que conhecemos ficam satisfeitos em serem lembrados. **Os Espíritos levianos gostam de ser evocados pelas pessoas frívolas, porque isso lhes dá oportunidade de se divertirem à custa delas;** sentem-se pouco à vontade com pessoas sérias.

22. Há necessidade de evocar os Espíritos toda vez que desejarmos que eles se manifestem?

“Não, pois com muita frequência eles se apresentam sem serem chamados, o que prova que vêm de boa vontade.”

23. Quando um Espírito se apresenta por si

mesmo, podemos estar certos da sua identidade?

“De maneira alguma, pois os Espíritos mistificadores empregam frequentemente esse meio para melhor enganarem.”

24. Quando se evoca, pelo pensamento, o Espírito de uma pessoa, esse Espírito vem, ainda mesmo que não haja manifestação pela escrita ou por outro meio?

“A escrita é um meio material de que o Espírito se serve para atestar a sua presença. Todavia, é o pensamento que o atrai, e não o ato de escrever.”

25. Quando um Espírito inferior se manifesta, podemos obrigá-lo a retirar-se?

“Sim, não lhe dando atenção. Mas como quereis que se retire, quando vos divertis com as suas torpezas? Os Espíritos inferiores se apegam aos que os escutam com complacência, como os tolos entre vós.”

26. A evocação feita em nome de Deus é uma garantia contra a intromissão dos Espíritos maus?

“O nome de Deus não é um freio para todos os Espíritos perversos, mas retém muitos deles. Por esse meio, sempre afastareis alguns, e muito mais afastareis, se a evocação for feita do fundo do coração, e não como fórmula banal.”

27. Podemos evocar vários Espíritos ao mesmo tempo?

“Não há nisso dificuldade alguma e, se tivésseis três ou quatro mãos para escrever, três ou quatro Espíritos responderiam ao mesmo tempo. É o que acontece quando se dispõe de muitos médiuns.”

28. *Quando vários Espíritos são evocados simultaneamente, não havendo mais de um médium, qual o que responde?*

“Um deles responde por todos e exprime o pensamento coletivo.”

29. *O mesmo Espírito poderia comunicar-se, simultaneamente, durante uma sessão, por dois médiuns diferentes?*

“Tão facilmente quanto, entre vós, certos homens que ditam várias cartas ao mesmo tempo.”

OBSERVAÇÃO – Vimos um Espírito responder, servindo-se de dois médiuns ao mesmo tempo, às perguntas que lhe eram dirigidas, por um em inglês, por outro em francês, sendo idênticas as respostas quanto ao sentido; algumas eram mesmo a tradução literal de outras.

Dois Espíritos evocados simultaneamente podem estabelecer entre si uma conversação. Embora este modo de comunicação não lhes seja necessário, visto que um lê simultaneamente o pensamento do outro, algumas vezes eles se prestam a isso para nossa instrução. Se são Espíritos inferiores, como ainda estão imbuídos das paixões terrestres e das ideias corpóreas, pode acontecer que disputem e troquem palavrões entre si, que se acusem mutuamente os erros e até que atirem os lápis, as cestas, as pranchetas etc., um contra o outro.

30. *O Espírito evocado simultaneamente em muitos lugares pode responder ao mesmo tempo às perguntas que lhe são dirigidas?*

“Pode, se for um Espírito elevado.”

30-a. *Nesse caso, o Espírito se divide ou tem o*

dom da ubiquidade?

“O Sol é um só e, no entanto, irradia ao seu redor, levando longe seus raios, sem se dividir. Do mesmo modo, os Espíritos. O pensamento do Espírito é como uma centelha que projeta longe a sua claridade e pode ser vista de todos os pontos do horizonte. Quanto mais puro é o Espírito, tanto mais o seu pensamento se *irradia* e se estende como a luz. Os Espíritos inferiores são muito materiais; não podem responder senão a uma única pessoa de cada vez, nem vir a um lugar, se são chamados em outro. Já um Espírito superior, chamado ao mesmo tempo em pontos diferentes, responderá a ambas as evocações, se as duas forem sérias e fervorosas. Em caso contrário, dará preferência à mais séria.”

OBSERVAÇÃO – É o que acontece com um homem que, sem mudar de lugar, pode transmitir seu pensamento por meio de sinais perceptíveis de diferentes lados.

Numa sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, na qual fora discutida a questão da ubiquidade, um Espírito ditou espontaneamente a seguinte comunicação:

“Discutíeis esta noite acerca da hierarquia dos Espíritos, no tocante à ubiquidade. Comparai-vos a um balão dirigível que se eleva pouco a pouco nos ares. Enquanto ele rasteja na Terra, somente os que estão dentro de um pequeno círculo podem percebê-lo; porém, à medida que se eleva, o círculo se alarga e, chegando a certa altura, se torna visível a uma infinidade de pessoas. É o que se dá conosco. Um Espírito mau, que ainda se acha preso à Terra, permanece num círculo

restrito, entre as pessoas que o veem. Suba ele na graça, melhore-se e poderá conversar com muitas pessoas. Quando se tornar Espírito superior poderá irradiar como a luz do Sol, mostrar-se a muitas pessoas e em muitos lugares ao mesmo tempo.”

CHANNING

31. *Os Espíritos puros, isto é, os que já terminaram a série de suas encarnações, podem ser evocados?*

“Sim, mas muito raramente atenderão. Eles só se comunicam com os homens de coração puro e sincero, e não com os orgulhosos e egoístas. Por isso mesmo, **é preciso desconfiar dos Espíritos inferiores que se gabam dessa qualidade** para se darem mais importância aos vossos olhos.”

32. *Como se explica que o Espírito dos homens mais ilustres atenda com tanta facilidade e familiaridade ao chamado dos homens mais obscuros?*

“**Os homens julgam os Espíritos de acordo com eles mesmos, o que é um erro.** Após a morte do corpo, as categorias terrenas deixam de existir. Só a bondade estabelece distinção entre eles, e os que são bons vão a toda parte onde haja um bem que possam fazer.”

33. *Quanto tempo depois da morte se pode evocar um Espírito?*

“*Podeis fazê-lo no próprio instante da morte, mas como nesse momento o Espírito ainda se acha no estado de perturbação, só responde imperfeitamente.*”

OBSERVAÇÃO – Sendo muito variável a duração da perturbação, não pode haver prazo fixo para fazer-se a evocação. Entretanto, é raro que, ao fim de oito dias, o Espírito já não tenha conhecimento do seu estado, para poder responder. Algumas vezes, isso lhe é possível dois ou três dias depois da morte. Em todos os casos se pode tentar a evocação, desde que agindo com prudência.

34. *A evocação no instante da morte é mais penosa para o Espírito do que algum tempo mais tarde?*

“Algumas vezes. É como se vos arrancassem do sono, antes que estivésseis completamente acordados. Entretanto, alguns não se contrariam de modo algum com isso e aos quais a evocação até ajuda a sair da perturbação.”

35. *Como pode o Espírito de uma criança, que morreu em tenra idade, responder com conhecimento de causa, se, quando viva, ainda não tinha consciência de si mesma?*

“A alma da criança é um Espírito *ainda envolto nas faixas da matéria*. Porém, liberto da matéria, goza de suas faculdades de Espírito, porque os Espíritos não têm idade, o que prova que o Espírito da criança já viveu. Entretanto, até que se ache completamente desligado da matéria, pode conservar, na linguagem, alguns traços do caráter da criança.”

OBSERVAÇÃO – A influência corpórea que se faz sentir por mais ou menos tempo sobre o Espírito da criança, também é notada algumas vezes, no Espírito dos que morreram em estado

de loucura. O Espírito, em si mesmo, não é louco; sabe-se, porém, que certos Espíritos julgam, durante algum tempo, que ainda pertencem a este mundo. Não é, pois, de admirar que, no louco, o Espírito ainda se ressinta dos entraves que, durante a vida, se opunham à livre manifestação de seus pensamentos. Esse efeito varia conforme as causas da loucura, pois há loucos que recobram toda a sua lucidez imediatamente depois da morte. ⁽³⁴⁾

Observa-se que Allan Kardec não tratou a questão com leviandade; mas, ao contrário, com toda a seriedade possível. Essas orientações servem de roteiro seguro aos que possam se interessar pelo contato com os Espíritos, proporcionando-lhes um caminho, se não totalmente, na pior das hipóteses, com certeza, menos pedregoso.

Particularmente, percebemos que a quantidade delas demonstra a preocupação de Allan Kardec na instrução dos que pouco conhecem ou nada sabem dessa realidade.

4.5. Qual a utilidade das evocações particulares?

Ainda em **O Livro dos Médiuns**, Parte

281. As comunicações que se obtêm dos Espíritos muito elevados, ou dos que animaram grandes personagens da Antiguidade, são preciosas pelos altos ensinamentos que encerram. Esses Espíritos conquistaram um grau de perfeição que lhes permite abranger um campo de ideias muito mais extenso, penetrar mistérios que escapam ao alcance vulgar da Humanidade e, por conseguinte, iniciar-nos melhor do que outros em certas coisas. Não se segue daí que sejam inúteis as comunicações dos Espíritos de ordem menos elevada; delas o observador pode colher muitas instruções. Para se conhecerem os costumes de um povo, é preciso estudá-lo em todos os graus da escala. Mal o conhece quem não o tenha visto senão por uma face. A história de um povo não é a dos seus reis, nem a das suas sumidades sociais; para julgá-lo, é preciso vê-lo na vida íntima, em seus hábitos particulares.

Ora, **os Espíritos superiores são as sumidades do mundo espiritual. A própria elevação em que se acham os coloca de tal modo acima de nós que nos assustamos com a distância que deles nos separa.** Espíritos mais burgueses – que nos perdoem esta expressão – nos tornam mais palpáveis as circunstâncias da nova existência em que se encontram. Neles, a ligação entre a vida corpórea e a vida espiritual é mais íntima, compreendemo-la melhor, pois ela nos toca mais de perto. **Aprendendo, pelo que eles nos dizem,** em que se tornaram, em que pensam

e o que experimentam os homens de todas as condições e de todos os caracteres, tanto os homens de bem como os viciosos, os grandes e os pequenos, os felizes e os infelizes do século, em suma, os homens que viveram entre nós, os que vimos e conhecemos, os de quem sabemos a vida real, as virtudes e os erros, torna-se mais fácil lhes compreendermos as alegrias e os sofrimentos, **partilharmos de umas e de outros e tirarmos de ambos um ensinamento moral** tanto mais proveitoso quanto mais estreitas forem as nossas relações com eles. Pomo-nos mais facilmente no lugar daquele que foi nosso igual, no que no de outro que apenas divisamos através da miragem de uma glória celestial. **Os Espíritos vulgares nos mostram a aplicação prática das grandes e sublimes verdades**, cuja teoria os Espíritos superiores nos ministram. Aliás, nada é inútil no estudo de uma ciência. Newton achou a lei das forças do Universo no mais simples dos fenômenos.

A evocação dos Espíritos vulgares tem, além disso, a vantagem de nos pôr em contato com Espíritos sofredores, que podemos aliviar e cujo adiantamento podemos facilitar, por meio de bons conselhos. Todos, pois, nós podemos tornar úteis, ao mesmo tempo que nos instruímos. Há egoísmo naquele que só procura satisfação nas manifestações dos Espíritos, e dá prova de orgulho o que deixa de estender as mãos em socorro dos infelizes. De que lhe serve obter belas comunicações dos Espíritos de escol, se isso não o torna melhor para consigo mesmo, nem mais caridoso e benevolente para com seus irmãos

deste mundo e do outro? Que seria dos pobres doentes se os médicos se recusassem a tocar suas chagas? ⁽³⁵⁾

Não há outro sentido a não ser o de aprendermos. Com os Espíritos superiores, temos a oportunidade de sermos aconselhados; com os vulgares, ou seja, os Espíritos comuns, é a vez de aprendermos o que as questões morais devem significar para todos nós.

E, além disso, a muitos desses últimos podemos, por nossa vez, dar-lhes conselhos, desde que, obviamente, tenhamos elevação espiritual para tal mister. Uma coisa é certa: aprendemos uns com os outros, mesmo na condição de Espíritos desencarnados; isso é uma verdade.

4.6. Um bom objetivo para a evocação: o estudo

Em *O Livro dos Médiuns*, Parte Segunda, cap. XXIX – Das reuniões e das sociedades espíritas, esse importante manual, para todos os médiuns e os que buscam conhecer mais sobre esse assunto, Allan

Kardec ainda coloca no tópico “Assuntos de estudo”:

343. Os que evocam seus parentes e amigos, ou certas personagens célebres, para lhes comparar as opiniões de além-túmulo com as que sustentavam quando vivos, ficam, não raro, embaraçados para manter com eles a conversação, sem caírem nas banalidades e futilidades. Além disso, muitas pessoas pensam que *O Livro dos Espíritos* esgotou a série das questões de moral e de filosofia. É um erro. Por isso julgamos útil indicar a fonte da qual se pode tirar assuntos de estudo, por assim dizer ilimitados.

344. Se a evocação dos homens ilustres, dos Espíritos superiores, é eminentemente proveitosa pelos ensinamentos que eles nos dão, a embora esses Espíritos sejam incapazes de resolver as questões de grande alcance. Eles próprios revelam a sua inferioridade e, quanto menor é a distância que os separa de nós, mas os reconhecemos em situação análoga à nossa, sem levar em conta que frequentemente nos manifestam traços característicos do mais alto interesse, conforme explicamos atrás no item 281, falando da utilidade das evocações particulares. Essa é, pois, uma mina inesgotável de observações, mesmo quando o experimentador se limite a evocar aqueles cuja vida humana apresente alguma particularidade, com relação ao gênero de morte que teve, à idade, às boas e más qualidades, à posição feliz ou infeliz que lhe coube na Terra, aos hábitos, ao estado mental etc.

Com os Espíritos elevados, o campo de estudos se amplia. Além das questões psicológicas, que têm um limite, podemos propor-lhes inúmeros problemas morais, que se estendem ao infinito, sobre todas as posições da vida, sobre a melhor conduta a ser observada em tal ou qual circunstância, sobre os nossos deveres recíprocos etc. **O valor da instrução que se receba, acerca de um assunto qualquer, moral, histórico, filosófico ou científico, depende inteiramente do estado do Espírito que se interroga. Compete a nós fazer o julgamento.**

345. **Além das evocações propriamente ditas, as comunicações espontâneas proporcionam uma infinidade de assuntos para estudos.** No caso de tais comunicações, devemos apenas aguardar o assunto que o Espírito queira tratar. Nessa circunstância, vários médiuns podem trabalhar simultaneamente. Algumas vezes, poder-se-á chamar determinado Espírito. Geralmente, porém, espera-se aquele que deseje apresentar-se, o qual, na maioria das vezes, vem da maneira mais imprevista. Esses ditados servem, depois, para um sem-número de questões, cujos temas se acham assim preparados de antemão. Devem ser comentados com cuidado, para apreciação de todas as ideias que encerrem, julgando-se se eles têm o selo da verdade. Feito com severidade, esse exame, como já dissemos, é a melhor garantia contra a intromissão dos Espíritos mistificadores. Por esse motivo, tanto quanto para a instrução de todos, será conveniente dar conhecimento das comunicações obtidas fora das sessões. Como se vê, existe aí uma fonte inesgotável de elementos

eminentemente sérios e instrutivos.

346. Os trabalhos de cada sessão podem regular-se da maneira como se segue:

1º Leitura das comunicações espíritas recebidas na sessão anterior, depois de passadas a limpo;

2º Assuntos diversos: Correspondência. – Leitura das comunicações obtidas fora das sessões. – Narrativas de fatos que interessem ao Espiritismo;

3º Matéria de estudo: Ditados espontâneos. – Questões diversas e problemas morais propostos aos Espíritos. – Evocações;

4º Conferência: Exame crítico e analítico das diversas comunicações. – Discussão sobre diferentes pontos da ciência espírita.

347. Os grupos recém-criados se veem, às vezes, tolhidos em seus trabalhos pela falta de médiuns. Com toda certeza, os médiuns são um dos elementos essenciais das reuniões espíritas, mas não constituem elementos indispensáveis, de modo que seria erro acreditar-se que sem eles nada se pode fazer. Certamente, os que só se reúnem com o fim de realizar experimentações não podem, sem médiuns, fazer mais do que fazem os músicos num concerto sem instrumentos. Porém, **os que têm em vista o estudo sério terão mil assuntos com que se ocuparem, tão úteis e proveitosos, quanto se pudessem operar por si mesmos.** Aliás, os grupos espíritas que possuem médiuns estão sujeitos, de um momento para outro, a ficar sem eles e seria lamentável que,

nesse caso, julgassem não lhes caber outra coisa senão a dissolução. Os próprios Espíritos costumam, de vez em quando, levá-los a essa situação, a fim de lhes ensinarem a passar sem eles. Diremos mais: é necessário, para aproveitamento dos ensinamentos recebidos, que consagrem algum tempo a meditá-los.

Nem sempre as sociedades científicas têm ao seu dispor instrumentos próprios para as observações e, no entanto, não deixam de encontrar assuntos de discussão. Na falta de poetas e oradores, as sociedades literárias leem e comentam as obras dos autores antigos e modernos. As sociedades religiosas meditam as Escrituras. As sociedades espíritas devem fazer a mesma coisa, pois tirarão grande proveito daí para seu progresso, instituindo conferências em que seja lido e comentado tudo o que diga respeito ao Espiritismo, a favor ou contra. Dessa discussão, a que cada um dará o tributo de suas reflexões, saem raios de luz que passam despercebidos numa leitura individual. Ao lado das obras especiais, os jornais pululam de fatos, de narrativas, de acontecimentos, de arroubos de virtudes ou de vícios, que levantam graves problemas morais, cuja solução só o Espiritismo pode dar. Esse é também um meio de se provar que ele se prende a todos os ramos da ordem social. Garantimos que uma sociedade espírita que organizasse o seu trabalho nesse sentido, servindo-se para isso dos materiais necessários a executá-lo, disporia de pouquíssimo tempo para se dedicar às comunicações diretas dos Espíritos. É por isso que chamamos a atenção dos grupos

realmente sérios para esse ponto, isto é, dos que preferem instruir-se a encontrar nas reuniões um passatempo. [...]. (36)

Por oportuno, vejamos este trecho do comentário de Allan Kardec a respeito do tema “A fome entre os Espíritos”, publicado na **Revista Espírita 1868**, mês de junho:

As evocações nos mostram uma multidão de Espíritos que creem ser ainda deste mundo: os suicidas, os supliciados que **não desconfiam que estão mortos, e sofrem o seu gênero de morte**; outros que assistem ao seu enterro como ao de um estranho; os avaros que guardam seus tesouros, os soberanos que creem ainda comandar e que ficam furiosos por não serem obedecidos; depois de grandes desastres marítimos, os naufragos que lutam contra o furor das ondas; depois de uma batalha, os soldados que se batem e ao lado disto os Espíritos radiosos, que nada têm mais de terrestre, e são para os encarnados o que a borboleta é para a lagarta. **Pode-se perguntar de que servem as evocações** então que elas nos fazem conhecer, até em seus mais ínfimos detalhes, esse mundo que nos espera a todos ao sair deste? É a Humanidade encarnada que conversa com a Humanidade desencarnada; o prisioneiro que conversa com o homem livre. **Não, certamente, elas não servem para nada ao homem superficial que não a vê senão como**

um divertimento; elas não lhe servem mais do que a física e a química divertidas não servem para a sua instrução; mas **para o filósofo, o observador sério** que pensa no dia seguinte da vida, **é uma grande e salutar lição; é todo um mundo novo que se descobre; é a luz lançada sobre o futuro; é a destruição dos preconceitos seculares sobre a alma e a vida futura; é a sanção da solidariedade universal que liga todos os seres.** Pode-se estar enganado, diz-se; sem dúvida, como pode sê-lo em todas as coisas, mesmo sobre aquelas que se vê e que se toca: tudo depende da maneira de observar. ⁽³⁷⁾

Assim, pelos estudos saberemos qual é a realidade do mundo espiritual; algo de importância para todos nós, já que mais cedo ou mais tarde todos nós iremos para lá. Com isso nós podemos evitar os dissabores daqueles que acham que a vida se acaba no túmulo ou que, simplesmente, terão seus “pecados” perdoados, sem que tenham que pagar por absolutamente nada.

4.7. Casos em que é até mesmo necessária a evocação

Essa questão volta agora em definitivo no livro **A Gênese**, no capítulo XIV, *Os Fluidos*, quando,

tratando das obsessões, Allan Kardec diz:

46 – Assim como as enfermidades são o resultado das imperfeições físicas que deixam o corpo acessível às influências exteriores perniciosas, a obsessão resulta sempre de uma imperfeição moral que dá ascendência a um espírito mau. A uma causa física, opomos uma força física; a uma causa moral é preciso que se contraponha uma força moral. Para preservar o corpo das enfermidades, temos que fortificá-lo; para preservar a alma da obsessão, temos que fortalecê-la, daí a necessidade de o obsidiado trabalhar por melhorar-se, o que é suficiente, na maior parte das vezes, para livrá-lo do obsessor, sem a ajuda de outras pessoas. Este socorro torna-se necessário quando a obsessão degenera em subjugação e possessão, porque neste caso o paciente, às vezes, perde a vontade e o livre-arbítrio.

A obsessão é quase sempre o ato de uma vingança exercida por um espírito, e, na maior parte das vezes, tem origem nas relações que o obsidiado manteve com o obsessor, em existência precedente.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso que neutraliza a ação dos fluidos salutarés e os repele. É desse fluido pernicioso que é preciso desembaraçá-lo. Ora, um mau fluido não pode ser eliminado por outro mau fluido. Através de uma ação idêntica à do médium curador nos casos

de doença, *é preciso expulsar o fluido mau com a ajuda de um fluido melhor.*

Essa é a ação mecânica, mas que nem sempre é suficiente. É necessário também, e principalmente, *agir sobre o ser inteligente, ao qual é preciso ter o direito de **falar com autoridade, e esta autoridade** só é concedida à superioridade moral. Quanto maior a superioridade moral, maior a autoridade.*

Isso ainda não é tudo: para assegurar a libertação da vítima, **é indispensável levar o espírito perverso a renunciar aos seus maus propósitos**; é preciso fazer nascer nele o arrependimento e o desejo de fazer o bem, **com a ajuda de instruções** habilmente ministradas, **em evocações particulares tendo em vista a sua educação moral.** Pode-se então ter a dupla satisfação de libertar um encarnado e de converter um espírito imperfeito. ⁽³⁸⁾ (grifo itálico do original)

É uma pena que a maioria das pessoas não se dá conta da influência espiritual, quando Espíritos, ainda apegados ao desejo de vingança, buscam seus desafetos para lhes causar transtornos em sua vida diária; querendo lhes “atazanar” a paz, para com isso obsedia-lhes, sem dar nenhuma trégua.

Muitos casos de pessoas tidas como loucas, na verdade, estão sob o jugo de um desencarnado

desse tipo, embora alguns desses Espíritos perturbadores, sendo sensíveis e de boa índole, compreendam que as admoestações que lhes são dirigidas destinam-se a mostrar o erro que estavam cometendo e procuram melhorar-se moralmente.

4.8. Allan Kardec comprova a prática da evocação

Encontramos várias comunicações recebidas por evocação, tanto na *Revista Espírita* quanto em ***O Céu e o Inferno***. Aqui citaremos algumas delas, desse último livro ⁽³⁹⁾, ressaltando que, em certos casos, pensou-se antes em evocar um determinado Espírito, mas a maioria deles se apresentou espontaneamente.

Espíritos Felizes

1. SANSON – antigo membro da Sociedade Espírita de Paris faleceu a 21 de abril de 1862; evocado em 23 de abril de 1862, na câmara mortuária e em 25 de abril de 1862, na Sociedade Espírita de Paris.

2. JOBARD – diretor do Museu da Indústria de

Bruxelas, nascido em Basseyn (Haute-Marne) e falecido em Bruxelas, de apoplexia fulminante, a 27 de outubro de 1861, com sessenta e nove anos de idade; evocado na sessão da Sociedade Espírita de Paris em 08 de novembro.

3. SAMUEL PHILIPPE - faleceu em dezembro de 1862, na idade de 50 anos, de moléstia atroz, sendo o seu passamento muito sensível à família e aos amigos, foi evocado alguns meses depois do trespasse.

4. VAN DURST - morto em Anvers, em 1863, com a idade de oitenta anos, pouco depois de sua morte; perguntado se já poderia ser evocado, o guia espiritual do médium disse que ele estava ainda perturbado; mas quatro dias depois ele se manifesta.

5. SIXDENIERS - morto em acidente, era médium. Manifestou-se em 11.02.1861.

6. DR. DEMEURE - morto em Albi (Tarn), em 25.01.1865; no dia 30, quando se pensava em evocá-lo, ele se comunica. Nos dias 01 e 02 de fevereiro ele novamente se manifesta passando recomendações a Allan Kardec a respeito de sua

saúde.

7. VIÚVA FOULON (Wollis, quando solteira) - falecida em Antibes a 3 de fevereiro de 1865, evocada em Paris, 6 de fevereiro de 1865, três dias após o decesso, e novamente em 08 e 09 do mesmo mês.

8. UM MÉDICO RUSSO - não há informação da data de sua morte e nem do dia em que foi evocado.

9. BERNADIN - manifesta em abril de 1862, dizendo ter vivido de 1400 a 1460.

10. CONDESSA PAULA - morreu em 1851, evocada doze anos depois de sua morte.

11. JEAN REYNAUD - manifestou-se espontaneamente na Sociedade Espírita de Paris e em uma reunião familiar; a outra comunicação citada foi por evocação.

12. ANTOINE COSTEAU - foi membro da Sociedade Espírita de Paris, sepultado em 12.09.1863, no cemitério de Montmartre; fato extraordinário é que se manifestou espontaneamente naquele local, junto à sua

sepultura ainda não fechada.

13. EMMA LIVRY - morta por um acidente causado pelo fogo, espontaneamente, se manifesta em 30.07.1863, num centro em Havre e em 31.07.1863, na Sociedade Espírita de Paris.

14. DR. VIGNAL - foi membro da Sociedade Espírita de Paris, morto em 27.03.1865, evocado na sede da sociedade a 31.03.1865.

15. VICTOR LEBUFLE - morto com a idade de vinte anos, pouco depois de sua morte manifestou-se espontaneamente.

16. ANAÏS GOURDON - falecida em 11.1860, manifestou-se por evocação.

17. MAURICE GONTRAN - falecido aos dezoito anos, se manifesta alguns meses depois de sua morte.

Espíritos em condições medianas

18. JOSEPH BRÉ - falecido em 1840, evocado em Bordeaux em 1862 por sua neta.

19. HÉLÈN MICHEL - jovem de vinte e cinco

anos, morta subitamente em sua casa, evocada três dias depois de sua morte.

20. MARQUÊS DE SAINT-PAUL - falecido em 1860, evocado a pedido de sua irmã, membro da Sociedade de Paris, em 16.05.1861.

21. DR. CARDON, MÉDICO - manifestou-se por evocação.

22. ERIC STANISLAS - comunicação espontânea, na Sociedade de Paris, em agosto 1863.

23. ANNA BELLEVILLE - morreu aos trinta e cinco anos de idade, evocada no dia seguinte à sua morte e novamente um mês depois do trespasse.

Espíritos sofredores

24. NOVEL - o Espírito se dirige ao médium, que o conheceu quando vivo.

25. AUGUSTE MICHEL - jovem que morreu, em março de 1863, em virtude de uma queda da carruagem em que passeava; evocado, alguns dias depois de sua morte, comunica-se em 08.03, 18.03, 06.04, 11.05 e 08.06.

26. EXPROBAÇÕES DE UM BOÊMIO - manifesta-se espontaneamente em 30.07.1862.

27. LISBETH - manifesta-se espontaneamente em 13.01.1862, dizendo ter vivido há cento e cinquenta anos, na Prússia.

28. PRÍNCIPE OURAN - manifesta-se espontaneamente em 1862.

29. PASCAL LAVIC - manifesta-se espontaneamente em 09.08.1863 e no dia seguinte, diz ter morrido no mar. Um jornal do dia 11.08, dá notícia de um resto de cadáver encontrado, no dia 06, encalhado entre Bléville e La Hève.

30. FERDINAND BERTIN - manifesta-se espontaneamente no dia 08.12.1863, dando a entender que morreu afogado no mar. Mais tarde soube ser, efetivamente, o nome de uma das vítimas da grande catástrofe marítima ocorrida nessas paragens a 2 de dezembro de 1863. Em 02.02.1864, novamente se comunica também espontaneamente.

31. FRANÇOIS RIQUIER - morto em 1857, manifesta-se espontaneamente em 1862.

32. CLAIRE - evocada se manifesta em 1861, por sete vezes, demonstrando um progresso sensível.

Suicidas

33. O SUICIDA DA SAMARITANA - cortou sua garganta a navalha em 07.04.1858, evocado seis dias depois de sua morte na Sociedade de Paris.

34. O PAI E O CONSCRITO - Em 1859, para evitar que seu filho fosse à guerra, um pai se suicida, pois aí ficaria isento por ser filho único de viúva. Foi evocado um ano depois, na Sociedade de Paris, a pedido de uma pessoa que o conheceu e queria saber de suas condições no mundo dos Espíritos.

35. FRANÇOIS-SIMON LOUVERT - lançou-se da torre de François I, em 22.07.1857, tendo se comunicado em 12.02.1863.

36. MÃE E FILHO - em 03.1865, uma mãe se enforca por não suportar a morte de seu filho; ambos foram evocados, vários dias depois da triste ocorrência.

37. DUPLO SUICÍDIO, POR AMOR E POR DEVER

- em 13.06.1862 um jornal noticia o suicídio de um casal; pouco tempo depois se manifestaram, por evocação, na Sociedade de Paris.

38. LUÍS E A PESPONTEIRA DE BOTINAS - em princípios de 1853, um jovem se suicida por não conseguir se reconciliar com sua noiva depois de uma desavença; cerca de oito meses do fato é evocado na Sociedade de Paris.

39. UM ATEU - evocado dois anos depois de sua morte, na Sociedade de Paris, a pedido de um parente.

40. FÉLICIEN - suicidou-se em 12.1864, enforcando-se em seu quarto; quatro meses depois foi evocado.

41. ANTONIE BELL - em 28.02.1865, suicidou-se; evocado em Paris, em 17.04.1865, a pedido de seu amigo.

Criminosos arrependidos

42. VERGER - No dia 03.01.1857, Mons. Sibour, arcebispo de Paris, saindo da Igreja de Saint-Étienne du Mont, foi ferido mortalmente por um jovem padre

de nome Verger. O culpado foi condenado à morte e executado em 30.01. Foi evocado no mesmo dia de sua execução e novamente três dias mais tarde.

43. LEMAIRE - condenado à pena de morte, pelo Supremo Tribunal de Justiça (Criminal) de Aisne, e executado em 31.12.1857; evocado em 19.01.1858.

44. BENOIST - manifestou-se espontaneamente em março de 1862, dizendo ter morrido em 1704.

45. O ESPÍRITO DE CASTELNAUDARY - esse Espírito assombrava uma pequena casa perto de Castelnaudary, tendo sido evocado na Sociedade de Paris, em 1859. Evocado de novo mais tarde, disse que em 1608 matou o seu irmão e que morreu em 1608

46. JACQUES LATOUR - assassino, condenado pelo tribunal de justiça de Foix, executado em setembro de 1864, apresentou-se espontaneamente em 13.09.1865, em Bruxelas. Foi, tempos depois, evocado na Sociedade Espírita de Paris, onde se manifestou por diversas vezes.

Espíritos endurecidos

47. LAPOMMENARY - manifestou-se espontaneamente na Sociedade de Paris.

48. ANGÈLE, NULIDADE SOBRE A TERRA - apresenta-se espontaneamente em 1862, em Bordeaux.

49. UM ESPÍRITO ABORRECIDO - apresenta-se espontaneamente em 1862, em Bordeaux.

50. A RAINHA DE OUDE - morta na França em 1858.

51. XUMÈNE - manifestação espontânea, em Bordeaux, em 1862.

Expições terrestres

52. MARCEL, O MENINO DE Nº 4 - criança de 8 a 10 anos, que fora internada num hospício, foi evocado na Sociedade de Paris, em 1863.

53. SZYMEL SLIZGOL - mendigo que morreu em 05.1865, evocado em 15.06.1865, na Sociedade de Paris.

54. JULIENNE-MARIE, A MENDIGA - evocada na

Sociedade Espírita de Paris, em 10.06.1864.

55. MAX, O MENDIGO - evocado.

56. HISTÓRIA DE UM CRIADO - evocado.

57. ANTÔNIO B... - cai em 1850, em consequência de um ataque de apoplexia, num estado de morte aparente; quinze dias depois de sepultado a família pediu para exumação do corpo; quando abriram a sepultura estava em outra posição; evocado na Sociedade de Paris, em 08.1861, a pedido de um dos seus parentes.

58. LETIL - morreu em 04.1864; evocado na Sociedade de Paris, em 29.04.1864, poucos dias depois de sua morte.

59. UM CIENTISTA AMBICIOSO - comunicou-se na Sociedade Espírita de Paris e também à filha.

60. CHARLES DE SANT-G..., DEFICIENTE MENTAL - criança evocada na Sociedade de Paris, em 1860.

61. ADÉLAIËDE-MARGUERITE GOSSE - evocada na Sociedade de Paris, em 27.12.1861.

62. CLARA RIVIER - morreu em 09.1862, evocada.

63. FRANÇOISE VERNHES - cega de nascença, morta em 1855, evocada em Paris, em 05.1865.

64. ANNA BITTER - evocada.

65. JOSEPH MAÎTRE, O CEGO - morreu em 1845; evocado em Paris, 1863, por um amigo que o conheceu.

5. Quanto tempo se deve esperar para evocar um Espírito após sua morte?

É provavelmente uma dúvida que poderá surgir, que merece um ligeiro comentário de nossa parte.

Na lista de comunicações do item 8 do capítulo anterior, inseridas em *O Céu e o Inferno* e na *Revista Espírita* é fácil perceber que algumas delas têm a particularidade de que as evocações ocorreram a partir de um dia do desencarne do Espírito que se manifestava.

Citaremos mais dois casos, que representam situações bem diferentes, para se ver qual era o procedimento que Allan Kardec adotava.

Em ***O Livro dos Médiuns***, Parte Segunda, cap. XIV – Dos médiuns, tópico “Médiuns videntes”, item 169, lemos o seguinte episódio assaz curioso:

169. Certa noite assistimos à representação da ópera Obéron, em companhia de um médium vidente muito bom. Havia no salão grande

número de **lugares vazios, muitos dos quais, no entanto, estavam ocupados por Espíritos que pareciam participar do espetáculo.** Alguns se colocavam junto de certos espectadores, dando a entender que escutavam as suas conversas. No palco se desenrolava outra cena: por trás dos atores muitos Espíritos, de humor jovial, se divertiam em arremedá-los, imitando seus gestos de modo grotesco; outros, mais sérios, pareciam inspirar os cantores e fazer esforços para lhes dar mais energia. Um deles se conservava sempre junto de uma das principais cantoras. Julgamos as suas intenções um tanto levianas e **o evocamos após o término do ato. Ele nos atendeu ao chamado e reprovou com severidade o nosso julgamento temerário:** “Não sou o que pensas: sou o seu Guia e seu Espírito protetor e estou encarregado de dirigi-la”. Depois de alguns minutos de uma palestra muito séria, ele nos deixou, dizendo: “Adeus; ela está em seu camarim; é preciso que eu vá vigiá-la”. **Em seguida, evocamos o Espírito Weber, autor da ópera,** e lhe perguntamos o que achava da execução de sua obra. “Não foi de todo má, mas foi fraca. Os atores se limitam a cantar. Faltou inspiração.” Depois acrescentou: “Espera, vou tentar dar-lhes um pouco do fogo sagrado”. Logo foi visto no palco, pairando acima dos atores. Partindo dele, uma espécie de eflúvio se derramava sobre os intérpretes, aumentando-lhes consideravelmente a energia. ⁽⁴⁰⁾

Allan Kardec não perdia nenhuma

oportunidade para se instruir, a ponto de até mesmo evocar um Espírito no momento que assistia um espetáculo de ópera.

Na **Revista Espírita 1862**, no mês de maio, temos o artigo “Exéquias do Sr. Sanson”, no qual se registra esse caso bem curioso:

Para nos conformar ao **desejo de nosso colega, de ser evocado o mais cedo possível** depois de seu decesso, **fomos à casa mortuária com alguns membros da Sociedade**, e, em presença do corpo, a conversa seguinte ocorreu uma hora antes da inumação. **Tínhamos, com isso, um duplo objetivo, o de cumprir uma última vontade, e o de observar, uma vez mais, a situação da alma num momento tão próximo da morte**, e isso num homem eminentemente inteligente e esclarecido, e profundamente compenetrado das verdades espíritas; tínhamos a constatar a influência de suas crenças sobre o estado do Espírito, a fim de tomar as suas primeiras impressões. Nossa espera, como se verá, não estava enganada, e cada um achará, sem dúvida, como nós, um alto ensinamento na pintura que ele fez do próprio instante da transição. Acrescentamos, no entanto, que **nem todos os Espíritos estariam aptos para descrever esse fenômeno com tanta lucidez** quanto ele o fez; o Sr. Sanson se viu morrer e se viu renascer, circunstância pouco comum, e que devia-se à

elevação de seu Espírito.

Na sequência, temos o diálogo, que não transcreveremos, passaremos para o fato que se segue.

Durante a cerimônia do cemitério, ele ditou as palavras seguintes:

Que a morte não vos amedronte, meus amigos; ela é uma etapa para vós, se soubestes viver; é uma felicidade, se merecestes dignamente e bem cumpristes as vossas provas. Repito-vos: Coragem e boa-vontade! Não ligueis senão um valor medíocre aos bens da Terra, e sereis recompensados; não se pode desfrutar muito, sem tirar o bem-estar dos outros, e sem se fazer moralmente um mal imenso. Que a terra me seja leve! ⁽⁴¹⁾

Então, temos que o Sr. Sanson além de se manifestar em seu próprio velório, também o fez no cemitério, quando do sepultamento de seu corpo.

6. Conclusão

De tudo quanto nós vimos sobre o assunto, a nossa conclusão é que não faz sentido algum em proibir, restringir ou evitar a evocação dos Espíritos.

Allan Kardec deixou bem claro que *“Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou atender ao nosso apelo, isto é, comparecer por meio de evocação. Cada uma dessas duas maneiras de agir tem suas vantagens e só haveria desvantagem se uma delas fosse excluída de modo absoluto.”* Entendemos que será o bom senso que nos dirá qual das opções deveremos adotar, levando-se em conta as circunstâncias do momento.

Aproveitamos para citar da **Revista Espírita 1862**, mês de junho, esta judiciosa orientação do Espírito Bernardin diz:

Que aqueles que querem evocar seus parentes, seus amigos, **não o façam jamais senão com um objetivo de utilidade e de caridade**; é uma ação séria, muito séria, a chamar a si os Espíritos que

erram em redor de vós. Se nisso não puserdes a fé e o recolhimento necessários, os Espíritos maus se apresentarão em lugar daqueles que esperais, vos enganarão, vos farão cair em erros profundos e vos arrastarão, algumas vezes, em quedas terríveis! ⁽⁴²⁾

Jamais devemos esquecer que o objetivo das evocações deve ser o da utilidade e o da caridade, sob pena de amargos resultados ou quedas terríveis.

Pelos casos apresentados fica nítido que isso era fato corriqueiro na Sociedade Espírita de Paris; portanto, sob os olhos de Allan Kardec. Mas evidentemente, alguém objetará que o Codificador evocava para aprender. Tomando-a como coisa séria, contra-argumentamos que nós também a fazemos com esse mesmíssimo objetivo.

Podemos acrescentar um outro motivo, que reputamos de importância: são os casos em que parentes e amigos querem saber notícias de seus entes queridos que já vivem na dimensão espiritual. Não seria essa a missão consoladora do Espiritismo?

Referências bibliográficas

- A Bíblia Anotada**, 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- Bíblia de Jerusalém**, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada - Paulinas**, 37ª edição, São Paulo: Paulinas, 1980.
- Bíblia Sagrada - Barsa**, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
- Bíblia Sagrada - Vozes**, 8ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- Bíblia Shedd**, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.
- Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das**. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.
- La Sante Bible - Sacy**. Trad. Le Maître de Sacy. Bruxelas, Bélgica: Société Biblique Britannique et Étrangère, 1855.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. Vol. 1**. São Paulo: Candeia, 1995.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. Vol. 5**. São Paulo: Candeia, 1995.
- JOSEFO, F. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

- KARDEC, A. **A Gênese**. Rio de Janeiro: CELD, 2010.
- KARDEC, A. **Le ciel et l'enfer**. Tours, França: Union Spirite Française et Francophone, s/d, arquivo PDF.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. São Paulo: Lake, 2002.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. São Paulo: Lake, 2006.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1862**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1864**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1868**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KLOPPENGURG, B. **Espiritismo e Fé**. São Paulo: Quadrante, 1990.
- MONLOUBOU L. e DU BUIT, F. M. **Dicionário Bíblico Universal**. Petrópolis, RJ: Vozes; Aparecida, SP: Santuário, 1996.
- XAVIER, F. C. **O Consolador**. Rio de Janeiro: FEB, 1986.
- VIEIRA, W. **Conduta Espírita**. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

Internet:

BÍBLIA CATÓLICA, **Vulgata:**

<http://www.bibliacatolica.com.br/> Acesso em: 15 mai. 2020.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site **Paulo Neto** (www.paulosnetos.net) e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: uma alma feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A*

Reencarnação Tá na Bíblia; 6) Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem); 7) Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso; 8) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 16) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 17) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 18) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 19) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 20) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 21) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 22) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 23) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 24) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 25) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 26) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 27) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 28) Haveria Fetos Sem Espírito?; e 29) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 *Bíblia de Jerusalém*, p. 30.
- 2 Embora sua tradução tenha contado com equipe de católicos e protestantes, ela é quase que só usada pelos católicos, razão pela qual a colocamos nesse seguimento.
- 3 *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 1321.
- 4 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Vol. 5, p. 287.
- 5 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Vol. 1, p. 40.
- 6 KLOPPENGURG, *Espiritismo e Fé*, p. 8.
- 7 MONLOUBOU e DU BUIT, *Dicionário Bíblico Universal*, p. 556.
- 8 *Bíblia Shedd*, p. 169.
- 9 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 169.
- 10 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 1531.
- 11 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 144.
- 12 KARDEC, *Le ciel et l'enfer*, p. 130.
- 13 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 266.
- 14 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 270.
- 15 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 145.
- 16 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 146.
- 17 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 148.
- 18 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 149.
- 19 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 150.
- 20 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, cap. XI, p. 147-148.
- 21 XAVIER, *O Consolador*, p. 206-207.
- 22 XAVIER, *O Consolador*, p. 207.
- 23 VIEIRA, *Conduta Espírita*, p. 93.
- 24 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 25.

- 25 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 26.
- 26 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 405.
- 27 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 206-207.
- 28 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 295-296.
- 29 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 296.
- 30 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 296-297.
- 31 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 297.
- 32 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 249.
- 33 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 298-301.
- 34 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 304-313.
- 35 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 303-304.
- 36 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 372-374.
- 37 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 175.
- 38 KARDEC, *A Gênese*, p. 326-327.
- 39 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 163-370.
- 40 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 176-177.
- 41 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 130-132
- 42 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 191.